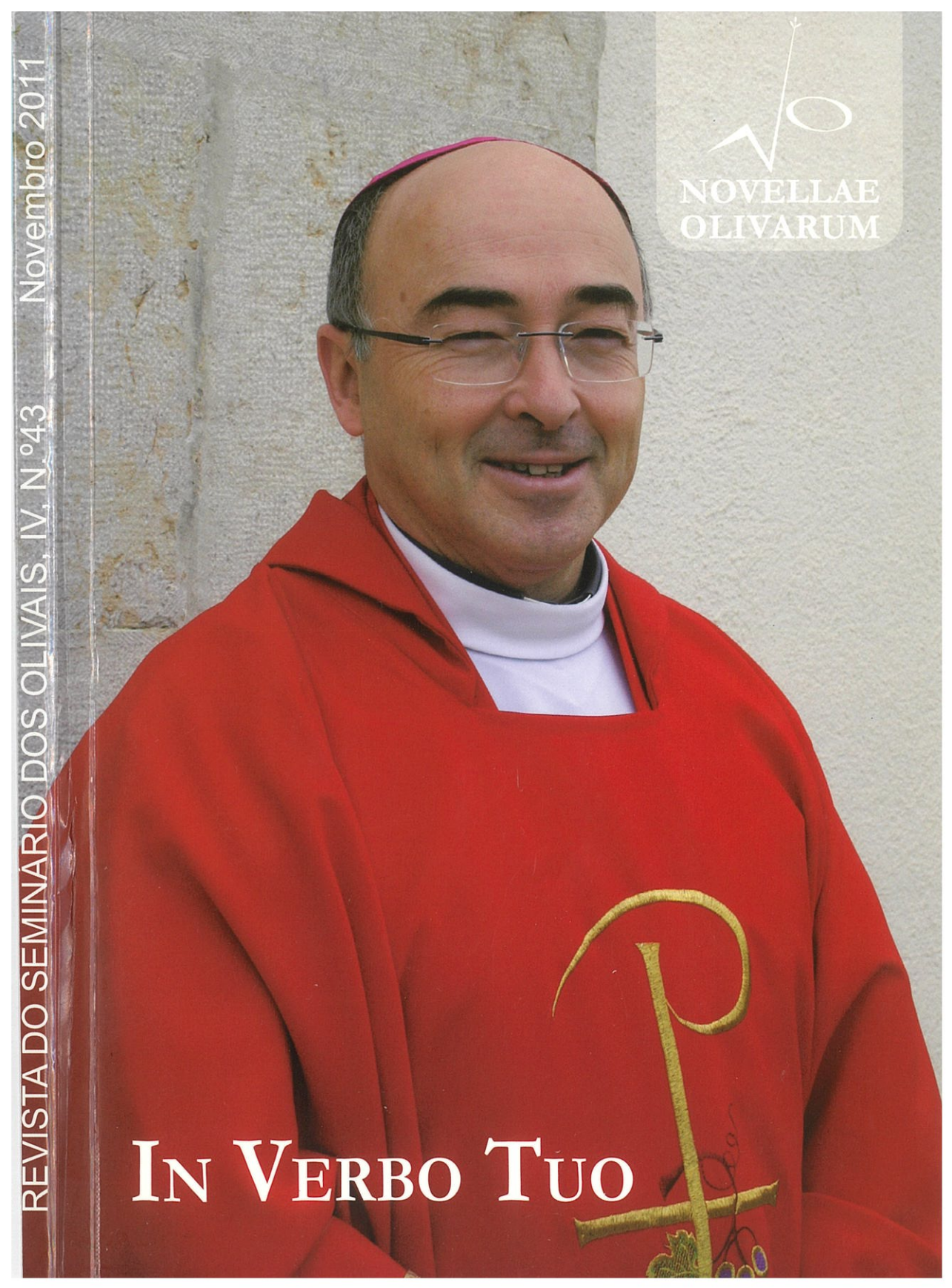
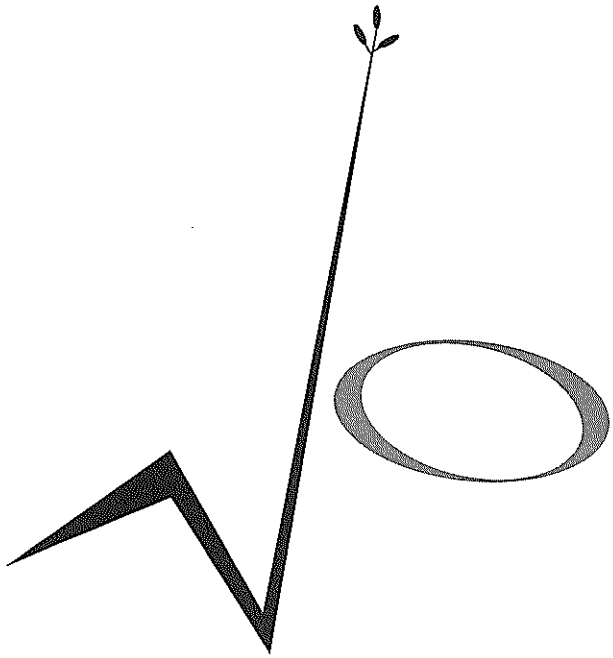
REVISTA DO SEMINÁRIO DOS OLIVAIS, IV, N.º43 Novembro 2011

NOVELLAE OLIVARUM



IN VERBO TUO



NOVELLAE OLIVARUM

FICHA TÉCNICA

COORDENAÇÃO
Cón. João Marcos (Director)
David Palatino (sub-director)
Paulo Pires
Mário Silva
Fábio Bernardino
Pedro Barros
Joaquim Loureiro
Duarte Andrade e Sousa

NOVELLAE OLIVARUM
Revista do Seminário dos Olivais
Propriedade da Associação Monsenhor Pereira dos Reis

DIRECÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Seminário dos Olivais
1885-076 Moscavide
Tel. 219457370 - Fax. 219457379
Email: secretaria@seminariodosolivais.org

Depósito Legal: Nº 2912/83

IMPRESSÃO
Manuel Barbosa & Filhos, Lda.

TIRAGEM
750 exemplares

Preço
€ 5

Contra-capa: Peregrinação à Serra do Socorro - 14/09/2011
Fotografias: Cón. João Marcos

SUMÁRIO

BRASÃO DE ARMAS DE D. NUNO BRÁS 1

EDITORIAL 5

ABRINDO O NOVO ANO DE SEMINÁRIO 8
D. Nuno Brás

RADICALIDADE NA CONSAGRAÇÃO SACERDOTAL: A OBEDIÊNCIA 13
D. Nuno Brás

TESTEMUNHOS ACERCA DE D. NUNO BRÁS

HISTÓRIA PARTILHADA PASSO A PASSO 37
Cónego Nuno Isidro

FORMADOR DE PASTORES 39
Cónego Francisco Tito

COMPANHEIRO DE VIAGENS 42
Padre Tiago Pires

PROFESSOR E REITOR 44
Duarte Andrade e Sousa

PASTOR E TEÓLOGO 47
Doutora Maria Manuela de Carvalho

CONFIADOS À PALAVRA 50
D. José Manuel Cordeiro

PALAVRA DE DEUS E VOCAÇÕES 53
Padre José Pereira

AS JORNADAS MUNDIAIS DA JUVENTUDE DE MADRID

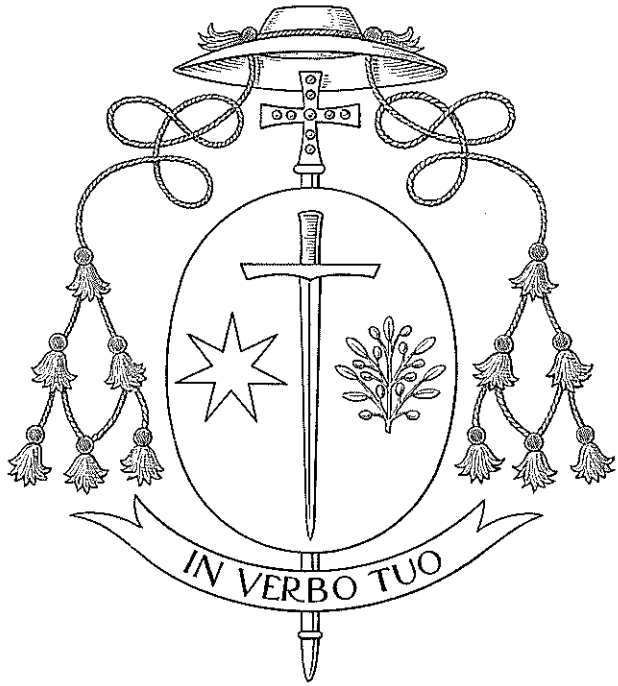
HOMILIA DO PAPA BENTO XVI NA MISSA COM OS SEMINARISTAS 73

TESTEMUNHOS 81

PELAS NOSSAS DIOCESES 93

CRÓNICA DA VIDA DO SEMINÁRIO 121

BRASÃO DE ARMAS
DE
D. NUNO BRÁS



DESCRIÇÃO HERÁLDICA

Escudo de púrpura, com espada abatida de ouro, entre uma estrela de sete raios de prata, à dextra, e um ramo de oliveira de prata, frutado de ouro, à esquerda.

O escudo assenta sobre cruz pastoral de ouro, guarnecida de nove pedras de vermelho e encimada por chapéu eclesiástico, de cordão de 6+6 borlas, tudo de verde.

Na base do escudo, listel branco com a legenda em maiúsculas: «*IN VERBO TUO*».

LEITURA

A ESPADA: diz S. Paulo que a Palavra de Deus é a «espada do Espírito» (Ef 6, 17), e a Carta aos Hebreus afirma que ela é «viva e eficaz, mais penetrante que qualquer espada de dois gumes (...); ela julga as disposições e as intenções do coração» (Heb 4, 12). Por outro lado, a espada faz também referência à terra de origem do novo bispo (Vimeiro), que tem como orago S. Miguel, e ainda ao onomástico S. Nuno de Santa Maria que, deposta a espada da guerra, deixou que Deus saísse vencedor, vivendo os seus dias no recolhimento do Convento do Carmo (Lisboa) na santidade de vida e na repartição dos seus bens pelos pobres.

A ESTRELA faz referência à Virgem Maria, estrela da manhã, e à sua participação como crente no mistério da cruz (as sete dores da Virgem), cumprindo a profecia do Velho Simeão (Lc 2, 35: «Uma espada trespassará a tua alma»).

O RAMO DE OLIVEIRA, com 7 folhas e 12 azeitonas, para além de aludir ao mistério de Cristo, o Ungido pelo Espírito, cujo sacerdócio é participado de modo pleno pelos bispos, sucessores dos Apóstolos, alude também aos 7 dons e aos 12 frutos do Espírito Santo, bem como à caridade que sempre anima a acção pastoral da Igreja. Faz ainda referência ao Seminário dos Olivais, onde o novo bispo exerceu grande parte do seu ministério sacerdotal.

O lema «*IN VERBO TUO*» é retirado de Lc 5, 5. Depois de ter falado às multidões a partir da barca de Pedro, Jesus diz-lhe para lançar as redes ao mar. Apesar do seu conhecimento da arte da pesca lhe dizer ser inútil retomar essa actividade, S. Pedro faz uma profissão de fé, afirmando que voltaria a lançar as redes por causa e na palavra de Jesus, sendo então surpreendido com a pesca de «tamanha quantidade de peixes que as redes se rompiam». Toda a actividade do bispo consiste em repetir esta profissão de fé: depois de escutar o Senhor que fala a partir da barca de Pedro, que é a Igreja, o bispo deve viver e agir não a partir de uma mera sabedoria humana mas a partir da Sabedoria que é o próprio Jesus, convidando todos a experimentar a felicidade de conhecer o Senhor e de com Ele viver.

Editorial

Cónego João Marcos

Os 80 anos do Seminário dos Olivais ficam assinalados pelas celebrações jubilares dos 50 anos da ordenação presbiteral do Senhor Patriarca, D. José Policarpo, e pela ordenação episcopal de dois antigos alunos: D. Ildo Fortes, bispo do Mindelo, em Março, e agora, no dia 20 de Novembro, de D. Nuno Brás, o terceiro reitor consecutivo desta casa que o Santo Padre associa ao colégio apostólico. Também neste ano completou 100 anos de idade o Cónego José Amaro Teixeira, vice-reitor do Seminário dos Olivais de 1945 a 1959, que vivamente felicitamos. É cónego há 64 anos!

Frequentaram este Seminário, ao longo destes 80 anos, 1795 alunos, dos quais foram ordenados presbíteros 1169, distribuídos por várias dioceses. Desses, 17 ascenderam ao episcopado, e um deles é o nosso actual Patriarca, Cardeal da Santa Igreja Romana. Não deixam de ser impressionantes estes números e motivo de muita gratidão para com o Senhor.

Fiel ao propósito do Cardeal Cerejeira, que o instituiu para formar padres santos e sábios, o Seminário dos Olivais é hoje constituído por 42 seminaristas de sete dioceses, assim distribuídos: 15 do Patriarcado

de Lisboa, 9 do Funchal, 6 de Aveiro, 4 de Leiria-Fátima e outros tantos de Santarém, 2 do Mindelo e 1 de Santiago (Cabo Verde), e ainda um da longínqua diocese de Cochim, na Índia. Destes, 9 integram o curso finalista de S. Bruno, que frequenta o ano pastoral; 9 estão no 5º ano (curso de S. Paulo) e 9 também são os que integram o curso de S. João Maria Vianney (4º ano). Finalmente, o curso do Beato João Paulo II reúne os 15 restantes, que frequentam o 2º e 3º anos da Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa. Em substituição do Padre Filipe Santos, que transitou para o Seminário de Caparide, foi recentemente nomeado Director Espiritual o senhor Cónego Francisco Tito, Vigário-geral do Patriarcado e antigo Vice-Reitor desta casa.

Enche-nos de júbilo, como é óbvio, a nomeação episcopal do nosso Reitor, a quem dedicamos este número da *Novellae Olivarum*, gravando-lhe na capa o lema que escolheu para presidir ao seu ministério episcopal: «*In Verbo tuo*». Com ele também nós acreditamos que só na obediência à Palavra de Jesus o nosso trabalho é fecundo. O Senhor lhe conceda muitas oportunidades de o constatar ao longo da sua vida!

Dele apresentamos a carta com que nos convocou para este ano e a conferência que nos dirigiu na "semana inaugural". Acerca de D. Nuno apresentamos ainda um mosaico de testemunhos recolhidos junto de pessoas que o conhecem de perto e a quem agradecemos a prontidão e a alegria com que no-los enviaram.

Do nosso Vice-Reitor, Padre José Miguel Barata Pereira, apresentamos aos leitores «Palavra de Deus e vocações à luz da *Verbum Domini*», reflexão apresentada nas Jornadas de Formação Permanente do Clero, deste ano.

As Jornadas Mundiais da Juventude marcaram profundamente as férias de Verão. Para muitos milhares de jovens católicos e também para nós, seminaristas e padres, foram uma experiência inolvidável de caminhada em Igreja, de encontro com Cristo e com os irmãos à volta do Sucessor de Pedro. Registamos nas nossas páginas a homilia do Santo Padre aos seminaristas na Eucaristia que celebrou com eles na Catedral de Madrid e em que participaram alguns dos nossos. São palavras cheias de sabedoria que nos ajudam a viver melhor este processo formativo que é o Seminário. Apresentamos ainda alguns testemunhos de participantes nestas Jornadas, de que destacamos o do Padre Carlos Miguel Gonçalves, responsável pelo Secretariado diocesano da Pastoral Juvenil.

Em consonância com a pluralidade de proveniências, vivências e sensibilidades que enriquecem o tecido eclesial e humano do nosso Seminário, «Pelas nossas dioceses» regressa como uma janela aberta sobre as diversas igrejas diocesanas. São textos que nos alargam o horizonte da mente e do coração e ajudam a cultivar entre nós uma comunhão mais informada e solícita. Completa este número a Crónica da vida desta casa pelo Duarte Andrade e Sousa.

Oitenta anos!

Como não agradecer ao Senhor tudo o que já realizou neste Seminário! Embora eloquentes, os números não dizem tudo, nem o principal. Aqui, silenciosamente, a graça de Deus venceu, convenceu e preparou o coração de muitos jovens para darem a sua vida pelo Evangelho. Aqui, neste útero onde se formam os pastores da Igreja e lugar superlativo da esperança, a Vida manifesta-se. Como na parábola, o joio também cresceu, e cresce ainda, certamente, ao lado do trigo, mas

a mão do Senhor que semeia e defende a boa semente tem conduzido manifestamente o Seminário dos Olivais ao longo destas oito décadas, entre as dificuldades e alegrias de cada tempo, e fez dele uma das expressões mais evidentes do Seu amor pela Igreja de Lisboa.

Bendito seja Ele!●

Cónego João Marcos

Abrindo o novo ano de Seminário

D. Nuno Brás

Lisboa, 30 de Julho de 2011

Caros amigos,

Já quase a meio das férias, creio que é importante algum sinal que nos faça recordar uns dos outros e da nossa comunidade. Aliás, é já tradição que, por esta altura, chegue a "carta do reitor" a dizer que a Equipa Formadora não vos esquece e a dar o "mote" para o próximo ano lectivo.

Como sempre, a primeira palavra é de boas-vindas para os novos seminaristas que vêm integrar o 3º ano. São eles que, no seio da tradição dos 80 anos do nosso Seminário e para além de todo o trabalho que o Espírito Santo vai realizando em todos, vêm sempre acrescentar aquela "novidade" que marca cada ano lectivo. Bem-vindos, pois. A casa e a comunidade que nela habita aguardam-vos com esperança.

Deixem que este ano vos proponha uma reflexão breve (e, por isso, com muitas lacunas) sobre a realidade da *comunhão*.

Como sabeis, a comunhão encontra a sua origem na própria vida trinitária, no amor do Pai que se entrega completamente ao Filho, e

no amor do Filho que tudo recebe do Pai, no Espírito Santo, como nos mostrou o Senhor Jesus durante a sua vida na terra. Isso quer dizer que, para um cristão, a comunhão não é uma realidade facultativa. Não existe vida cristã que possa evitar a vida de comunhão, pelo simples facto de que isso significaria evitar o próprio Deus!

A realidade humana da comunhão procura, pois, ser a expressão – sempre infinitamente distante, frágil e marcada pelo pecado – daquela que é a vida trinitária. Esta, pelo contrário, mostra-se não apenas como um "modelo divino", exemplar (e por isso inatingível) em relação à realidade humana, mas, desde que o Senhor ressuscitado expirou sobre os Apóstolos (Jo 20,22), também como uma realidade que nos é oferecida para vivermos sacramentalmente. Não podemos, assim, passar sem a vida de comunhão e sem a vida em comunidade que a expressa e lhe dá um rosto visível.

Isto significa que é impossível aprofundar a realidade humana da comunhão sem todos os dias aprofundarmos a nossa comunhão com Deus, Pai, Filho e Espírito Santo. A comunhão exige de nós uma entrega diária e constante à oração. Sem oração (o mesmo é dizer: sem escutar o Senhor que nos fala e sem a disponibilidade sincera para Lhe responder) qualquer comunidade humana traz à superfície aquilo que são as vaidades, opiniões, modas e egoísmos de cada um dos seus membros. É a oração – e apenas ela – que nos pode moldar e alargar o coração à imagem da comunhão divina.

Depois, viver a comunhão significa igualmente a necessidade de procurar viver com todas as nossas forças na comunidade que o próprio Senhor nos oferece como lugar onde a podemos experimentar. Para nós, essa é a comunidade do Seminário. É a comunidade do Seminário

que constitui o ponto de referência da nossa vida cristã, aquela em que, por agora, se concretiza o chamamento que um dia escutámos para deixar tudo e seguir o Senhor; aquela onde somos convidados a, quotidianamente, voltar a escutá-lo e a aprofundá-lo, sabendo que é Jesus quem nos chama e que, por isso, estamos em boa companhia, ainda que nem sempre fácil!

Isso exige de cada um de nós a disponibilidade concreta para uma conversão verdadeira. Deixar o que pensamos, deixar o que queremos, deixar o nos apetece fazer para pensar com Deus, querer o que Deus quer e nos pede, a cada momento – colocar tudo o que somos na disponibilidade para ser criticado (crivado, purificado) por Deus: esta é tarefa nunca acabada na vida de cada cristão, mas que, por isso mesmo, não pode deixar de constituir uma marca daqueles que, tendo escutado o convite de Jesus para o sacerdócio, se dispõem a segui-l'O em cada momento da sua existência.

A comunhão com Deus não é visível aos olhos humanos, mas tem reflexos claros no modo como vivemos a nossa vida comunitária. Ela mostra-se na disponibilidade, na generosidade, na grandeza de alma que nos fazem acolher a todos – particularmente aqueles que fazem caminho connosco e aqueles a quem somos enviados.

Em relação aos que fazem caminho connosco, não podemos deixar de partir do princípio de que, sendo chamados como nós pelo Senhor Jesus, também eles têm qualquer coisa a ensinar-nos e a corrigir-nos, mesmo quando as suas posições teológicas e pastorais não coincidam com as nossas. Em relação àqueles a quem somos enviados e que nos são confiados nas nossas tarefas pastorais, a comunhão com o Senhor convida-nos a ir ao seu encontro não só nos momentos estabelecidos

pelos horários, mas a cuidar deles como pais e irmãos em Jesus, a quem queremos anunciar sempre, "a tempo e a fora de tempo".

Finalmente, deixai-me recordá-lo, a comunhão com Deus tem um critério claro, a que não podemos deixar de constantemente dar atenção: é a vida da Igreja e o magistério eclesial concretizado nos ensinamentos do Santo Padre e dos nossos bispos. Não somos nós o critério: não o somos para a nossa vida e, muito menos, para a vida de todos os outros e da comunidade. Isso exige certamente de nós a humildade de não nos colocarmos no centro de tudo e a disponibilidade para aprender e para mudar.

Este ano, o nosso Seminário completa 80 anos. Teremos que o celebrar adequadamente. Contudo, estou certo que fazer da nossa vida comunitária cada vez mais uma expressão da vida da Santíssima Trindade será uma forma excelente de o fazermos – não só pela instituição a que somos convidados agora a dar corpo, como por nós e pela nossa vida de santidade, e também (sobretudo) por aqueles a quem o Senhor nos quer enviar como expressão sacramental do Seu Amor.

Para terminar, recordo-vos apenas que o início do próximo ano lectivo será no dia 13 de Setembro com as Vésperas/Missa às 19h00, pelo que todos devem estar presentes no Seminário até esse momento.

Até lá, e se não nos encontrarmos antes, saúda-vos com amizade o

Cónego Nuno Brás

RADICALIDADE NA CONSAGRAÇÃO SACERDOTAL: A OBEDIÊNCIA

D. Nuno Brás

«Aquela disposição de ânimo
pela qual estão sempre prontos a procurar
não a própria vontade, mas a d'Aquele que os enviou»
(Jo 4,34; 5,30; 6,38; Pdv 28).

INTRODUÇÃO

Retenho ainda na minha memória a cena passada há já vários anos no Seminário de S. Paulo de Almada, quando um seminarista se inclinou reverente perante o Cardeal Patriarca D. António Ribeiro, saudando-o, para, pouco depois, comentar discretamente para os colegas seminaristas que estavam com ele: «Com os Bispos, muita reverência, para que possa haver pouca obediência».

Olhando para as nossas diferentes dioceses e mesmo para os nossos seminaristas, a situação não difere muito daquela a que esta cena se reporta. Talvez até ela seja característica de um certo modo de ser eclesiástico que de há muito marca a nossa vida eclesial, portuguesa e mesmo mundial, mais fruto da cultura do que, propriamente, da vida cristã.

Se a pobreza vai sendo um ideal mais ou menos vivido e abraçado; se a castidade, com todas as dificuldades que traz consigo – particularmente a sua vivência no seio de uma cultura completamente erotizada como é a nossa – vai sendo procurada, na maior parte das vezes, como entrega quotidiana e virginal ao Senhor; a obediência tem ficado esquecida, remetida quando muito para o momento das nomeações, mesmo essas, depois de alguns anos de sacerdócio, arrancadas a ferros, no meio de vários «nãos» e de inúmeras condições para a aceitação daquela missão que o Bispo nos pede. Tudo isto, mesmo que continue a vir à memória aquele momento da nossa ordenação em que prometemos «obediência e reverência» a quem está para nos ordenar e aos seus sucessores. E mesmo que, passados estes dias das nomeações, saia um «sim» da boca do presbítero, a maioria dos sacerdotes vive como se fosse dono e senhor dos seus domínios, impondo a cada paroquiano a sua lei, os seus pensamentos, os seus modos e costumes, os seus movimentos, a sua liturgia. E os paroquianos têm que se vergar, obedientemente, à vontade soberana do seu pároco. Quem não gostar deve procurar outra paróquia vizinha.

Comecemos, pois, por nos perguntarmos rapidamente sobre o significado neotestamentário da obediência para, num segundo momento, com a ajuda do Decreto conciliar *Presbyterorum ordinis* (1965) e do *Directório para a Vida e Ministério dos Presbíteros* (1994) olharmos algumas concretizações da promessa de obediência realizada no momento da ordenação sacerdotal, de modo a, finalmente, avançarmos algumas pistas para a formação nos nossos seminários, a partir da Exortação apostólica *Pastores dabo vobis* que, apesar de ser mais antiga (1992) em relação ao *Directório* tem o objectivo de orientar a formação dos presbíteros.

1. A OBEDIÊNCIA COMO ATITUDE SALVÍFICA DE CRISTO

O Novo Testamento fala da obediência de Jesus como particularmente ligada à própria obra de salvação.

Jesus foi pobre, radicalmente pobre (cf. *Mt* 8,20: Àquele homem que se propunha segui-l'O sem ter sido chamado, Jesus respondeu: as raposas têm os seus covis e as aves do céu os seus ninhos, mas o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça"), e essa realidade deixou-a impressa nos que O seguiram, não como realidade marginal e opcional, mas como algo que marca o próprio ser do cristão. A pobreza não é, pois, uma realidade opcional na Igreja. O espírito de pobreza (que exige igualmente a pobreza material) não pode deixar de constituir uma qualidade que marca aqueles que querem seguir a Cristo de mais perto – ou, se quisermos dizer de um modo mais adequado, o espírito de pobreza não pode deixar de marcar a vida de todos os sacerdotes, já que não podemos ser cristãos sem a viver.

Assim também a vida de castidade, mormente quando vivida na condição celibatária. Ao contrário do que era tido como projecto de qualquer varão em Israel, Jesus viveu numa radical castidade celibatária, todo entregue ao serviço do Pai e ao anúncio do Reino dos Céus. Ele é, por excelência, o «eunuco por causa do Reino dos Céus» (*Mt* 19,12), e esta sua entrega, não apenas casta, mas celibatária, marcou igualmente desde o início a vida dos seus ministros. A radicalidade e a estranheza desse modo de viver estão bem patentes numa quantidade de documentos da Igreja dos primeiros anos e dos primeiros séculos, que hoje não podemos ignorar.

Mas todas estas realidades – a pobreza e a castidade celibatária por amor do Reino dos Céus – encontram-se subordinadas àquela realidade maior: a obediência ao Pai para a salvação dos homens e para o perfeito anúncio do Evangelho. É na obediência total de Jesus ao Pai que a pobreza e a castidade celibatária encontram a sua justificação: Jesus foi pobre e casto porque essas duas realidades eram expressão da sua radical obediência, na qual reside a própria possibilidade da salvação.

Habitualmente, olhamos a obediência como uma mera virtude humana. O obediente reconhece a superioridade de quem comanda – seja porque lhe é superior hierárquico (e, então, a obediência funciona como no exército: o mais graduado comanda e o menos graduado obedece, qualquer que seja a razão da ordem); obedece-se porque se reconhece a quem dirige uma superioridade vinda do respeito que lhe é devido (é o caso, ainda que hoje cada vez mais raro, do filho que obedece ao pai simplesmente porque este é pai, mesmo que discordando das suas opções); obedece-se, finalmente, porque o superior adquiriu, pelas suas capacidades, um estatuto de liderança que o faz ser seguido (senão mesmo temido) pelos que lhe são inferiores: a razão percebe a conveniência de obedecer ao chefe, ou encontra-se mesmo (nos casos extremos das seitas fanáticas) rendida completamente às suas opiniões.

Nenhum destes casos é o de Jesus Cristo. E nenhum destes casos acaba por justificar a obediência do presbítero. Esta terá que ser encontrada em outro lugar.

O Novo Testamento faz referência à obediência de Jesus em vários escritos. Recordemos, pela sua singular importância, duas passagens, uma da *Carta aos Hebreus* e outra da *Carta aos Filipenses*.

1.1 A OBEDIÊNCIA NA CARTA AOS HEBREUS

Olhemos, em primeiro lugar, a passagem de *Heb* 5,7-10:

> 7Jesus, nos dias da sua carne, tendo oferecido, com forte clamor
> e lágrimas, orações e súplicas a quem o podia livrar da morte e
> tendo sido ouvido por causa da sua piedade, 8 embora sendo
> Filho, aprendeu a obediência pelas coisas que sofreu; 9 e, levado
> à perfeição, tornou-se o Autor da salvação eterna para todos os
> que lhe obedecem, 10 tendo recebido de Deus o título de sumo
> sacerdote, segundo a ordem de Melquisedec.

A *Carta aos Hebreus* apresenta o sacerdócio de Cristo como o verdadeiro e único sacerdócio, dado que apenas Ele, ao contrário dos sacerdotes veterotestamentários, é verdadeiramente próximo dos homens e verdadeiramente próximo de Deus. Mostra, deste modo, como também em Jesus se cumpre plenamente a promessa do Messias-sacerdote.

É a esta proximidade com os homens que o autor faz referência, ao afirmar: «nos dias da sua carne». É a humanidade de Jesus que aqui é sublinhada: Ele é um de nós porque partilhou todas as nossas situações de miséria e fragilidade, porque viveu a «carne» humana até ao fim. O momento da sua morte não é nunca apresentado na atitude estóica de quem, como um herói, toma consciência da necessidade de morrer pelo seu povo, e caminha, intrépido, para o sacrifício final; pelo contrário, esse momento é de «forte clamor e lágrimas, orações e súplicas». É o drama da morte humana vivida até ao fim, como nos mostram as narrações da agonia no Horto das Oliveiras.

Mas não termina aqui o sacerdócio de Cristo. Ele foi atendido pelo Pai, que lhe dá a vida nova da ressurreição. A sua obediência total à vontade do Pai teve da parte deste uma resposta: a vida nova («levado à perfeição»), da qual o Ressuscitado torna participantes os seus irmãos na carne, abrindo, assim, um caminho de salvação para toda a humanidade.

Aliás, é na obediência que a *Carta aos Hebreus* faz resumir toda a vida de Cristo e a realização da sua missão junto dos homens: «Ao entrar no mundo Ele afirmou: "Não quiseste sacrifício nem oferenda, mas formaste-me um corpo. Holocaustos e sacrifícios pelo pecado não te foram agradáveis. Por isso eu digo: eis-me aqui – no rolo da Lei está escrito a meu respeito – eu vim, ó Deus, para fazer a tua vontade"» (*Heb* 10,5-7; cf. *Sl* 40,7-9).

Para o autor da *Carta aos Hebreus*, toda a vida de Jesus se pode pois resumir numa expressão: obediência ao Pai. É esta obediência total que leva o Senhor a assumir a carne humana até ao fim; é esta mesma obediência que recebe como resposta a ressurreição e a vida nova que dela surge para todos.

1.2 A OBEDIÊNCIA DA CARTA AOS FILIPENSES

Uma outra passagem sobejamente conhecida onde a obediência se encontra claramente relacionada com a obra de salvação é o hino cristológico da *Carta aos Filipenses*, prolongado depois na exortação apostólica aos fiéis de Filipos:

Filip 2:5-15: Tende em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus, [6] Que, sendo em forma de Deus, não teve por usurpação ser igual a Deus, [7] Mas esvaziou-se a si mesmo, tomando a forma de servo, fazendo-se semelhante aos homens; [8] E, achado na forma de homem, humilhou-se a si mesmo, sendo obediente até à morte, e morte de cruz.

[9] Por isso, também Deus o sobre-exaltou, e lhe deu um nome que está sobre todo o nome; [10] Para que ao nome de Jesus se dobre todo o joelho dos que estão nos céus, e na terra, e debaixo da terra, [11] E toda a língua confesse que Jesus Cristo é o SENHOR, para glória de Deus Pai.

[12] De modo que, meus amados, assim como sempre obedecestes, não só na minha presença, mas muito mais agora na minha ausência, assim também operai a vossa salvação com temor e tremor; [13] Porque Deus é quem realiza em vós tanto o querer como o agir, segundo a sua boa vontade. [14] Fazei todas as coisas sem murmurações nem contendas; [15] Para que sejais irrepreensíveis e sinceros, filhos de Deus sem culpas, no meio de uma geração corrompida e perversa, entre a qual resplandeceis como astros no mundo.

O hino de *Filipenses* é, como sabemos, pré-paulino, sendo inserido na Carta pelo punho do Apóstolo, como acontece em muitas outras situações. Como quer que seja, podemos datá-lo sempre dos primeiros anos do cristianismo.

Construído em duas estrofes, o Hino sublinha, na primeira delas, o movimento da encarnação daquele que, sendo na forma de Deus, não se apoderou ciosamente dessa sua condição, mas antes se esvaziou dela assumindo a forma de servo; e, não contente com isso, vivendo como homem fez-se «obediente até à morte, e morte de cruz». É a esta obediência até ao fim que Deus responde com a sobre-exaltação da ressurreição, como narra a segunda estrofe.

A morte de Cruz e tudo o que ela traz consigo são pois fruto da obediência de Cristo – o que significa igualmente que, ao contrário, a vida nova do cristão, participação na vida do Ressuscitado, traz consigo a obediência e a morte do próprio «eu» - daquele «eu» que é marcado pelo pecado, do «eu» do velho Adão, que – ao contrário do Senhor Jesus – longe de viver a sua condição, procura ser como Deus.

Os fiéis de Filipos são convidados pelo Apóstolo à mesma obediência de Jesus. Esta consiste em deixar que Deus opere neles o «querer e o agir», o mesmo é dizer, são convidados à «obediência da fé». Nesta atitude contrastam com a cultura ambiente, a «geração má e perversa», geração da noite, onde eles brilham «como astros no mundo». Ora se pensarmos bem, o Apóstolo não requer meramente dos cristãos uma atitude religiosa, fruto espontâneo do coração humano – isso era uma realidade que praticamente ninguém punha então em causa: todos eram religiosos. A diferença é dada não apenas pelo objecto da fé (acreditar em Jesus ressuscitado frente ao acreditar nos diversos deuses) mas pelo seu próprio princípio e pela própria atitude no seu todo: Deus é o princípio da fé; é Ele quem se encontra no início de qualquer acto cristão de fé e, no coração do homem, a fé consiste na obediência a Deus.

Nisto o Apóstolo mostra-se coerente, uma vez que em várias outras passagens se refere ao acto de fé como «obediência» (é o caso, por exemplo, de *Rom* 1,5). A obediência do cristão mostra-se pois como o prolongamento da atitude de Jesus para com o Pai, e caracterizadora da relação do crente com Deus. Sem a obediência, não existe salvação para o homem. A obediência não é pois, simplesmente, mais uma das características, ao lado de tantas outras, que – eventualmente – pudesse

mesmo faltar no acto de fé. Pelo contrário, a obediência mostra-se como o núcleo do acto de fé: ser cristão é obedecer; nisso consiste a identidade e a liberdade do cristão.

1.3 DA TRADIÇÃO EVANGÉLICA À EVANGELIZAÇÃO COMO «OBEDIÊNCIA»

Estes textos da tradição paulina mostram-nos não só como as primeiras comunidades entendiam a relação do crente com Deus, mas mostram igualmente como estas comunidades se entendem verdadeiramente como o prolongamento do próprio Senhor. Ele é o obediente por excelência, como é manifesto em variadíssimas passagens evangélicas, particularmente no evangelho de S. João.

Recordemos apenas algumas. Assim, por exemplo, em *Jo* 4,34, o Senhor afirma: «O meu alimento é fazer a vontade d'Aquele que me enviou e consumar a sua obra» e *Jo* 6,38-40, diz:

> [38] Eu desci do céu, não para fazer a minha vontade, mas a vontade d'Aquele que me enviou. [39] E a vontade do Pai que me enviou é esta: Que nenhum de todos aqueles que Ele me deu se perca, mas que o ressuscite no último dia. [40] Porquanto a vontade d'Aquele que me enviou é esta: Que todo aquele que vê o Filho e acredita n'Ele tenha a vida eterna; e Eu o ressuscitarei no último dia.

A missão de Jesus coincide pois com um acto de obediência ao Pai. Jesus sublinha diante dos discípulos que foi enviado pelo Pai, que a sua tarefa não encontra em si a sua origem, que aquilo que diz e faz, o diz e o realiza porque essa é a vontade do Pai.

Não admira, portanto que, querendo expressar este mistério da íntima união entre o Pai e o Filho, partindo daquilo que era a própria realidade da memória histórica das primeiras comunidades em relação a Jesus, fosse assumida a relação de Paternidade e de Filiação e, com ela, a noção de «obediência» como aquelas relações que melhor expressam por um lado a iniciativa salvífica do Pai e, ao mesmo tempo, a plenitude do seu acolhimento pelo Filho, bem como a sua exacta e plena realização por parte deste no seu estar com os homens, ou seja, na obra da salvação.

Apenas na obediência total, que consiste aqui na aceitação da sua condição de Filho até ao fim, pode Jesus evangelizar plenamente. A obediência total é a condição para que tudo quanto Jesus diz e faz não seja algo da sua iniciativa, mesmo quando tudo parece desvanecer-se, e quando o anúncio profético do Senhor parece ser dramaticamente recusado pelo Povo Eleito: Jesus não retira da cartola qualquer solução mágica, não inventa qualquer estratagema: obedece simplesmente ao Pai, mesmo que isso o conduza à morte de Cruz.

Jesus prossegue a sua missão até ao fim, aquela que, afinal se encontrava já delineada na profecia veterotestamentária, a missão de dar a conhecer, de ser a transparência total e perfeita do Pai e da plenitude da sua vida. Essa é a sua missão. Na sua vida terrena, Jesus vive do Pai e para o Pai, do mesmo modo como, no seio da Trindade, o Verbo não se entende a não ser nesse mesmo movimento de aceitação da geração constante e eterna por parte do Pai. O Jesus da história não é outro senão o Verbo que, no seio da Trindade, desde sempre tudo acolhe como iniciativa paterna e a ela plenamente corresponde.

A obediência é a missão de Jesus; a obediência é o ser de Jesus. A evangelização consiste em tornar os seus discípulos participantes da

sua vida, o mesmo é dizer: tornar os discípulos obedientes ao Pai, fazê-los viver a sua condição de Filho Unigénito, não a partir de si mesmos, usurpando uma falsa e não devida condição da forma divina, como acontecera com Adão e como acontece depois com todos os homens, mas, pela graça do seu Espírito, tendo em si os mesmos sentimentos que existiam em Cristo Jesus, obedecendo ao Pai até ao fim.

Sem obediência, Jesus não seria o Filho; sem obediência plena Ele não se distinguiria de qualquer outro profeta que, porventura, dissesse algumas palavras divinas ou que fizesse alguns gestos por ordem de Deus, mas que não seria, definitivamente, o «Evangelizador», ou (dito de outro modo) o «Salvador». Sem obediência não há, decididamente, evangelização; sem obediência não há decididamente, salvação. A salvação não é uma auto-salvação, um fazer por si boas obras que, depois, mereceriam um prémio, mas é um acolhimento filial da vontade e, consequentemente, da vida do Pai.

2. A OBEDIÊNCIA DO PRESBÍTERO NOS DOCUMENTOS DO MAGISTÉRIO

2.1 O DECRETO CONCILIAR *PRESBYTERORUM ORDINIS*

O Decreto conciliar *Presbyterorum ordinis* faz algumas (não muitas) referências à obediência. Sobretudo, não a afirma explicitamente neste sentido salvífico mais amplo, remetendo-a penas para o capítulo das «Peculiares exigências espirituais na vida dos presbíteros», em particular no seu nº 15. Vejamos, no entanto, como aquilo que poderia ser olhado como uma entre várias atitudes do presbítero se mostra, efectivamente, bastante mais profundo, e como que um enquadramento espiritual e vivencial de todo o ministério presbiteral.

A obediência dos presbíteros começa por ser definida pelo Concílio como «aquela disposição de espírito pela qual [os presbíteros] estão sempre prontos não a procurar a própria vontade, mas a vontade daquele que os enviou». Ao mesmo tempo, o Concílio remete em nota para várias passagens de S. João (*Jo* 4,34; 5,30; 6,38). Isto não pode deixar de significar que tudo o resto que depois será dito a propósito da obediência do presbítero se deve enquadrar precisamente neste desígnio divino de salvação que Deus tem para a humanidade, e que foi plenamente realizado em Jesus Cristo. O «pórtico» que nos permite a compreensão da obediência no ministério do presbítero é pois a sua identificação sacramental com Jesus, a sua participação no sacerdócio de Jesus e na sua missão, na qual ser e missão coincidem.

De seguida, o Concílio pode apresentar as diferentes razões de «conveniência» espiritual para a vivência do ministério em atitude de profunda obediência.

A primeira delas é constituída pela fraqueza do próprio. Consciente dessa fraqueza, e diante da grandeza da sua missão, o presbítero não pode deixar de se deixar conduzir pelo Espírito Santo, discernindo e pondo em prática a vontade de Deus «nas circunstâncias de cada dia». A sua ousadia e a sua força, não são a ousadia e as forças humanas, não são a esperteza nem as estratégias mais ou menos empresariais dos homens: pelo contrário, o presbítero conhece-se bem, conhece o seu pecado e as dificuldades com que luta diariamente; conhece a inclinação humana para julgar segundo os critérios dos homens e não de acordo com os critérios de Deus; conhece a sua incapacidade humana de ultrapassar os horizontes pequenos e fechados do agora, para olhar antes com os horizontes da vida eterna e com os critérios de discernimento do

Espírito Santo. Quando estamos abertos à força do Espírito e lhe somos dóceis, não há que ter medo das fraquezas humanas – mas estas não serão nunca ultrapassáveis sem a atitude fundamental da obediência.

Depois, sublinha ainda o Concílio, o ministério do presbítero não é um ministério individual mas antes um «ministério da Igreja», que só pode ser desempenhado em comunhão hierárquica, não só com os que lhe são superiores, mas «com o corpo todo». É no seio desta realidade, que poderíamos chamar «obediência de comunhão», que se insere a obediência devida dum modo muito particular ao que é «recomendado pelo Sumo Pontífice, pelo próprio Bispo e outros Superiores, entregando-se e super-entregando-se, de todo o coração, a qualquer cargo, ainda que humilde e pobre, que lhe seja confiado».

O Concílio faz pois aqui referência à atitude apostólica de Paulo, tal como o próprio refere em *2Cor* 12,15: «Quanto a mim, de bom grado despenderei, e me despenderei todo inteiro, em vosso favor». Trata-se da entrega total, completa, do Apóstolo em favor do rebanho, da comunidade que lhe foi entregue pelo Ressuscitado, uma vez que foi deste que Paulo recebeu a missão de evangelizar.

Em causa, de acordo com o Concílio, estão a unidade no ministério e a edificação do corpo de Cristo. A obediência da comunhão traz consigo a percepção do todo do corpo de Cristo e do valor supremo que é viver nele, o que, necessariamente, faz com que o presbítero ultrapasse as suas originalidades, os seus gostos, as suas opiniões e as suas dúvidas, em favor da comunhão do corpo de Cristo. A comunhão e a unidade do corpo de Cristo são pois olhadas como bem maior, ao serviço do qual o presbítero se encontra.

Não se trata de deixar de pensar e de questionar, mas de perceber a realidade maior e anterior que é a Igreja, nas suas comunidades concretas, que têm a sua própria história, e a realidade maior e anterior que é constituída pelo presbitério diocesano e pelo próprio ministério presbiteral. Trata-se de perceber que os lugares e os momentos do pensar e do questionar não podem colocar em causa a realidade da comunhão eclesial.

Por isso, o Decreto acrescenta de modo a perceber-se que o seu objectivo não consiste, de forma alguma, em impedir qualquer tipo de iniciativa: «quando no desempenho do seu múnus, movidos pela caridade, tentem prudentemente novas vias para maior bem da Igreja, proponham confiadamente as suas iniciativas, manifestem solicitamente as necessidades do seu rebanho, dispostos sempre a sujeitar-se ao juízo daqueles que exercem o múnus principal de reger a Igreja de Deus» (*PO* 15).

Finalmente, o *Presbyterorum Ordinis* retoma a afirmação da conformidade do presbítero com Cristo, como que encerrando na realidade teológica tudo quanto dissera anteriormente, e citando a este propósito *Filp* 2,7-9 e *Rom* 5,19 («Pela desobediência dum só homem, constituíram-se muitos pecadores: assim pela obediência dum só, constituíram-se muitos justos»).

Podemos pois resumir as afirmações do Concílio acerca da obediência: ela é conformidade com Cristo na tarefa de salvação; é reconhecimento da fraqueza humana do próprio sacerdote; é essencial para a construção do Corpo de Cristo; não impede as iniciativas pessoais desde que confrontadas com o Bispo ou os respectivos superiores; é fruto de uma atitude humilde, mas igualmente responsável e voluntária.

2.2 O *DIRECTÓRIO PARA A VIDA E MINISTÉRIO DOS PRESBÍTEROS*

O *Directório para a Vida e Ministério dos Presbíteros* (documento da Congregação para o Clero, de 1994, mas aprovado pelo Beato João Paulo II) procura concretizar na vida dos presbíteros várias propostas do Sínodo de 1990, bem como os diferentes documentos conciliares e pós-conciliares. O tema da obediência é abordado nos seus números 61 a 66, a meio da parte destinada à «Espiritualidade sacerdotal». Nisso integra-se na visão habitual da obediência. Façamos, no entanto, uma rápida leitura dos mesmos.

As afirmações iniciais enquadram tudo o resto na realidade teológica. Afirma o *Directório*: «A obediência é um valor sacerdotal de primária importância. O próprio sacrifício de Jesus na Cruz adquiriu valor e significado salvífico por causa da obediência e da sua fidelidade à vontade do Pai [...]. Pode, por isso, dizer-se que a obediência ao Pai está no próprio coração do Sacerdócio de Cristo. [...] Mediante ele [o rito primeiro da ordenação diaconal e depois da ordenação presbiteral] o presbítero fortalece a sua vontade de submissão, entrando assim na dinâmica da obediência de Cristo feito Servo obediente até à morte de Cruz (*Filp* 2,7-8)» (61).

No entanto, o *Directório* faz imediatamente a passagem da obediência entendida como realidade teológica e salvífica para aqueloutra que poderíamos classificar como essencialmente disciplinar, integrando, no entanto, esta última na primeira: «Como para Cristo, assim também para o presbítero, a obediência exprime a vontade de Deus que é manifestada ao presbítero através dos legítimos superiores» (61).

Não deixa, contudo, de ser significativo que, na sequência do Concílio, o *Directório* sublinhe o exercício da obediência como «verdadeira realização da liberdade pessoal», e que ela não é algo que aparece como fruto de uma colagem exterior (eventualmente num paralelismo forçado em relação à consagração religiosa) mas «consequência duma escolha constantemente amadurecida diante de Deus na oração», e «requerida intrinsecamente pelo sacramento e pela estrutura hierárquica da Igreja».

O mesmo é dizer: o sacramento da Ordem recebido pelo presbítero traz consigo o exercício da obediência. Podemos, pelo menos, entendê-lo em dois aspectos: um primeiro que advém da sua realidade teológica / sacerdotal e a que já fizemos referência; mas, depois, também pelo facto de o sacramento da Ordem recebido no grau do presbiterado depender essencialmente do episcopado e, assim, se encontrar dependente deste também na sua vivência quotidiana e no seu exercício. Com efeito, o ministério sacerdotal não é visto pelo Concílio como uma realidade que foi acrescentada sobre a base comum do ser cristão. Pelo contrário, o ministério sacerdotal depende essencialmente do sacerdócio de Cristo, o mesmo é dizer, do ministério apostólico: o ministério sacerdotal não coincide com um baptizado a que foram acrescentados estudos e a quem foi dada a autoridade de gerir os bens comunitários, mas consiste antes no exercício participado do único sacerdócio de Cristo por parte de um baptizado, tal como o Senhor o confiou aos Apóstolos, quer dizer, aos Bispos.

O nº 61 termina com uma referência ao «valor da subjectividade e autonomia» da cultura contemporânea que, apesar de constituírem realidades positivas, se mostram particularmente perigosas se forem

absolutizadas, apelando à disponibilidade do presbítero para «acolher quanto lhe é justamente indicado pelos Superiores», particularmente no que toca à aceitação dos encargos que lhe são confiados.

O nº 62 do *Directório* sublinha o dever de especial obediência ao Papa e ao respectivo Ordinário, não sem se referir à realidade do presbitério do qual o presbítero faz parte, bem como à Igreja diocesana que tem no Bispo o seu princípio e fundamento de unidade. Este número destina-se particularmente a chamar a atenção para a necessidade de plena adesão ao Magistério, «intrinsecamente ligada a todas as funções que o sacerdote deve desenvolver na Igreja», evitando o escândalo dos fiéis e a adesão parcial, ou seja, aquela precisamente em que o presbítero se arroga o poder de discernir o que deve ou não cumprir ou as realidades a que deve ou não dar o seu assentimento.

O nº 63 é dedicado aos Superiores, convidando-os ao exemplo pessoal, mas tomando igualmente consciência daquilo que os ultrapassa e, assim, mesmo que aquele possa vir a faltar, a requerer «a adesão a todas as disposições no âmbito magisterial e disciplinar».

Com efeito, apenas esta adesão sincera e plena pode, depois, dar origem à «espontaneidade amadurecida» que, longe de fazer sobressair o «génio» individual, o integra equilibradamente numa atitude pastoral que, necessariamente ultrapassa o singular.

Os números seguintes são dedicados a aspectos particulares que, segundo o *Directório* aparecem como mais urgentes: em primeiro lugar a disciplina da celebração litúrgica (64), depois a unidade na planificação pastoral, essencial para a fecundidade pastoral (65) e, finalmente, a prescrição do uso do traje eclesiástico, de modo a que o presbítero seja

reconhecido não apenas pelas suas virtudes interiores mas também exteriormente, visto que o seu é um ministério público (passará a ser sempre uma figura pública, que representa uma comunidade e o próprio Deus), dirigido não só aos fiéis mas a todos os homens (66).

Podemos pois dizer que, para além das realidades teológicas que são inerentes à obediência, o *Directório* sublinha-a como realidade inerente ao exercício do ministério e como realidade intrínseca ao próprio sacramento; por outro lado, não deixa nunca de afirmar que nela se realiza plenamente a liberdade do próprio presbítero.

2.3 A EXORTAÇÃO APOSTÓLICA PÓS-SINODAL *PASTORES DABO VOBIS*

É certo que a Exortação Apostólica pós-sinodal *Pastores dabo vobis* (1992) é anterior ao *Directório* (1994) – que surge, aliás, como uma concretização da mesma em aspectos particulares. Contudo, o facto de ela apresentar uma admirável síntese do tratamento do lugar da obediência no ministério do presbítero e de, assim, nos indicar igualmente algumas pistas para a formação nos nossos seminários leva-nos a olhá-la em último lugar. O tema da obediência é abordado no nº 28 da *Pastores dabo vobis*.

Em primeiro lugar, a obediência é apresentada como «disposição de ânimo», ou seja, como fruto de uma vontade educada para tal – a obediência não é uma realidade espontânea nem simplesmente uma «graça de estado», automática, quase mágica, nem deve nunca ser dada como adquirida plenamente, mas constitui antes uma realidade a ser cultivada, desenvolvida e amadurecida. Por isso se diz, também, que ela consiste numa «procura». Não formamos máquinas que executam

imediatamente e com eficácia uma determinada tarefa, mas formamos presbíteros, homens que procuram a vontade do Senhor e que o fazem honesta e quotidianamente, e que sabem que a mesma não se manifesta numa expressão individual sem que a mesma seja confrontada e passível de ser aceite pela comunhão eclesial, manifesta de um modo particular por aqueles que têm o carisma da sucessão apostólica. Esta procura consiste na busca de realizar não a sua vontade mas a vontade do próprio Deus que chamou e enviou os presbíteros, tal como o Pai dá a vida e envia o próprio Senhor Jesus.

É desta realidade que, em seguida, se apontam algumas «características particulares» da obediência no ministério do presbítero (distinguindo-se, deste modo, da obediência na vida consagrada, por exemplo), mas que, necessariamente, constituem outras tantas interrogações ao modo como formamos os nossos seminaristas. Olhemo-las brevemente.

A) OBEDIÊNCIA APOSTÓLICA

A *Pdv* começa por afirmar a obediência do presbítero como uma «obediência apostólica». E justifica: «não existe, efectivamente, ministério sacerdotal senão na comunhão com o Sumo Pontífice e com o Colégio Episcopal, e de uma forma particular com o próprio Bispo diocesano».

De seguida, afirma-se que, longe de constituir uma realidade «humilhante», a obediência «deriva da liberdade responsável do presbítero», enquanto este reconhece «as exigências de uma vida pastoral orgânica e organizada», pelo que o próprio sacramento o dota da graça do «discernimento e de responsabilidade nas decisões eclesiais», tendo como objectivo a «coesão da comunidade cristã».

B) OBEDIÊNCIA QUE SERVE

Assim, a obediência está longe de ser «servil» mas constitui antes um pressuposto essencial para o exercício «com evangélica transparência» da autoridade que é confiada ao presbítero. Ou seja: antes de ser exercida, a autoridade obedece, escuta e realiza, impedindo deste modo autoritarismos e preferências demagógicas». E acrescenta claramente a Exortação: «só quem sabe obedecer em Cristo, sabe como requerer, segundo o Evangelho, a obediência de outrem».

C) EXIGÊNCIA COMUNITÁRIA

A obediência do presbítero reveste-se de uma essencial dimensão eclesial: a obediência não é devida a um indivíduo mas, «inserida na unidade do presbitério», vive numa «colaboração harmoniosa com o Bispo e, por meio dele, com o Sucessor de Pedro». A Exortação vai mesmo mais longe e afirma: a obediência «é vivida em comum», ou seja, é uma virtude não só do presbítero mas do presbitério e – podemos dizê-lo sem medo – de toda a Igreja.

D) REQUER UMA «NOTÁVEL ASCESE»

Não são, pois, somente a castidade e a pobreza que requerem a ascese, o treino, o esquecimento do próprio e das suas inclinações naturais. A obediência requere-a em primeiro lugar. Trata-se de esquecer-se de si mesmo para dar lugar ao outro; trata-se de esquecer os pontos de vista particulares para deixar espaço aos outros e aos seus talentos e capacidades, de deixar de ser o protagonista para que apenas Cristo o seja.

E) OBEDIÊNCIA «PASTORAL»

Não se trata, assim, apenas do caminho de santidade individual que o presbítero, necessariamente, empreende desde o momento do seu baptismo. A obediência tem a ver com o modo como o presbítero olha, vive e se dedica ao próprio rebanho: a obediência «vive-se num clima de constante disponibilidade para se deixar agarrar, como que "devorar", pelas necessidades e exigências do rebanho». E logo a seguir: «é inegável que a vida do presbítero é ocupada de modo pleno pela fome de Evangelho, de fé, de esperança e de amor de Deus, e do seu ministério, a qual mais ou menos conscientemente está presente no Povo de Deus a ele confiado». ●

Cónego Nuno Brás da Silva Martins
Conferência aos seminaristas no dia 14 de Setembro de 2011

Testemunhos acerca de D. Nuno Brás

História partilhada passo a passo

Cónego Nuno Isidro

As circunstâncias da vida têm feito cruzar com muita proximidade o meu caminho de vida com o de D. Nuno. Ele do Vimeiro, eu de A-dos-Cunhados, duas paróquias que partilham o mesmo percurso de vida comunitária e pastoral, conduzidas pelos mesmos Párocos há mais de um século. E, para nós, marcado sobretudo pelo testemunho de amor à Igreja do Pároco que nos 'levou' do Baptismo à ordenação sacerdotal, o Pe. José de Faria Lopes.

Só não nos conhecemos ainda no seio materno, porque ele é mais velho catorze meses. As nossas mães foram vizinhas e companheiras, no lugar do Sobreiro Curvo. As nossas famílias mantiveram sempre o contacto, pela vida da Igreja, mesmo separadas em paróquias vizinhas.

Embora não assinalando episódios muito concretos, retenho na memória o bom convívio que nos possibilitou o encontro em tantas actividades comuns. Já no Seminário de Penafirme, antes do seu encerramento em 1975. Num grupo de uma dúzia de adolescentes que, durante dois ou três anos, ia aprender a tocar viola à Lourinhã. Depois, numa experiência fundamental nas nossas vidas – éramos os mais novos do grupo – que foi o sermos chamados a participar na

fundação do Agrupamento de Escuteiros das duas Paróquias. Toda a envolvência na vida eclesial, que levou ao percurso do discernimento vocacional, com os contactos das assembleias de jovens, dos padres e seminaristas, que o fez a ele entrar em 1980 no Seminário de Almada e que marcou, também, a minha futura decisão de entrar no seminário dois anos depois.

Como colegas de Seminário só habitámos juntos a mesma casa – o Seminário dos Olivais – no seu último ano. Mas o convívio era frequente entre os Seminários, pelo que nos sentimos sempre muito próximos na partilha simples das nossas vivências. Em tempo de férias também houve sempre actividades em conjunto. E julgo que a proximidade de ambos com o Prior e a admiração que tínhamos por ele e que partilhávamos nas nossas conversas nos ajudou a solidificar uma amizade que, não tendo nada de extraordinário, não se ficou em simpatias humanas, mas acredito que é fruto da fé.

Como colegas de presbitério, através das distintas tarefas que nos foram sendo confiadas, mantivemos esse contacto feliz do serviço à Igreja, aproveitando algumas oportunidades de encontro em tempo de lazer. O serviço da Igreja tem-nos voltado a aproximar quer como formadores no Seminário, quer, agora, nestes novos ministérios que nos estão confiados.

Confio que a sua inteligência, saber teológico e discernimento o ajudarão a exercer bem o múnus apostólico, na certeza da sua entrega total ao dinamismo da graça de Deus na condução da Igreja. ●

Cónego Nuno Isidro

Formador de pastores

Cónego Francisco Tito

O formador do Seminário, como qualquer outro cargo na Igreja, não se inventa, não é propriedade do que o exerce. Cumpre-se.

O exercício de um cargo na Igreja tem a ver com a identidade e a finalidade da instituição para que se é nomeado. Além disso, quem desempenha um cargo na Igreja fá-lo em nome da Igreja. Não são contudo de esquecer aquelas circunstâncias quer históricas, quer pessoais que condicionam o exercício do cargo, circunstâncias que, aliás, devem pesar na decisão de quem nomeia.

Isto é bem vivo na actuação de D. Nuno enquanto formador do Seminário. A preocupação pela sintonia com a Igreja, o conhecimento das orientações da Igreja sobretudo no que se referem à finalidade do Seminário e ao papel dos que nele exercem a função de formadores, a pedagogia recomendada, e o conhecimento das dioceses aonde os alunos irão exercer o seu ministério sacerdotal davam forma ao seu estar e agir.

Alguém definiu o Seminário como o útero do presbitério, onde se aprende a ser e agir em colégio, onde seja visível a comunhão da própria Trindade Santíssima. Vê-se na vida de D. Nuno o gosto e o cultivo de

relações fraternas com os outros presbíteros, sobretudo com os mais novos, os que vão saindo do Seminário e que é preciso acompanhar na humana inserção plena no presbitério. Saliento entre todas as relações com os outros companheiros da equipa formadora. Relações de lealdade, amor fraterno, onde se partilha não apenas o trabalho, as preocupações pedagógicas mas a vida, criando laços de verdadeira amizade e confiança.

O Seminário, e nele a equipa formadora, existe por causa dos alunos. D. Nuno estava atento a cada um dos formandos, como um pastor ao seu rebanho, como um pai a seus filhos, estabelecendo com eles verdadeiras relações de amizade onde desabrochava a confiança, tão necessária para que o formador do Seminário possa exercer a sua missão junto de cada um dos seminaristas. Amizade e confiança que na maioria dos casos se prolongam para além do Seminário.

Devo salientar ainda como características distintivas de D. Nuno o amor ao trabalho e a alegria. De facto, D. Nuno não perde tempo. Num mudo de dissipação e desperdício, sobretudo do tempo, D. Nuno é para os alunos um exemplo e um estímulo de esforçado e inteligente labor. O mesmo se pode dizer da alegria espontânea, franca e frequentemente traduzida numa gargalhada contagiante que cria aquele bom ambiente onde facilmente se confia e se partilha.

O Seminário, no coração da Diocese, guarda um mistério, o mistério do Bom Pastor, o único que chama e forma hoje os seus apóstolos, como durante a sua vida mortal. O formador tem de ser um homem em "sintonia" com Deus, para conhecer os Seus desígnios sobre cada aluno, com a humilde obediência de respeitar quer esse desígnio, quer a liberdade da resposta pessoal de cada chamado.

Também no Seminário, quer na relação com Deus, quer na relação com os colegas, quer no amor à Igreja e ao seu Bispo, quer no estudo, quer no trabalho, quer... o presbítero é chamado a ser "forma gregis" (I Pd. 5,3). Damos graças a Deus pelo serviço do Senhor D. Nuno como formador no Seminário dos Olivais. ●

Cónego Francisco Tito

Companheiro de viagens

Padre Tiago Pires

Conheci D. Nuno Brás quando, regressado de Roma, integrou pela primeira vez a equipa formadora do Seminário dos Olivais onde eu era aluno. No início, a nossa relação era a relação normal entre prefeito e aluno. A pouco e pouco, a amizade foi crescendo entre nós. Marco decisivo nesta história foi a viagem de missão e de férias que o nosso curso fez a Cabo Verde no final do 5º ano. Mais tarde, quando passei por uma fase complicada em termos de saúde, pude confirmar a atenção e a dedicação que D. Nuno sabe dispensar aos amigos em momentos difíceis.

Ao longo dos últimos anos fomos criando o hábito muito agradável de fazer férias juntos, com ou sem outros amigos. Foi assim que descobrimos muitas cidades, serras, cantos e monumentos que Deus e o homem foram criando. Nestas viagens partilhadas tenho conhecido melhor D. Nuno: a sua cultura, o seu espírito de aventura, o seu desejo de conhecer mais; mas também a capacidade de resistência, a sua paciência e solidariedade. Da sua rica personalidade, sublinharia alguns pontos que me parecem mais importantes para a missão que Deus lhe está a dar. Em primeiro lugar, a sua paixão por Jesus. Os muitos momentos de

oração que temos partilhado, dão-me a certeza de que a sua vontade de O amar e servir são o centro da sua vida. Em segundo lugar, o amor pela Igreja que ama incondicionalmente com toda a sua vida. Em terceiro lugar, o seu interesse para conhecer sempre mais e melhor. As visitas às livrarias, as visitas culturais, a descoberta da natureza e da humanidade que temos feito em conjunto fazem-me concluir que nunca esmorecerá a sua ânsia de compreender melhor os fundamentos da nossa fé e a vida dos homens na sua enorme complexidade.

Neste momento tão importante na vida de D. Nuno Brás desejo manifestar-lhe publicamente a minha alegria e a minha comunhão com ele. Agradeço a amizade que me dedica e faço votos para que o seu ministério episcopal não nos impeça de continuar a descobrir em conjunto mais algumas das muitas maravilhas deste nosso mundo.●

Padre Tiago Pires, Santarém

Professor e reitor

Duarte Andrade e Sousa

Conheci o então Padre Nuno Brás nos meus primeiros dias de Seminário. Estava eu a começar o Ano Propedêutico e o Padre Nuno a começar os seus anos como Reitor do Seminário Maior de Lisboa (São José de Caparide e Cristo-Rei dos Olivais). Não deixa de ter graça o facto de o meu curso ser aquele que tem acompanhado o Senhor Reitor, enquanto tal, ao longo destes sete anos.

Para além de Reitor, foi meu professor em várias cadeiras. No Ano Propedêutico leccionou-nos umas aulas de Cristianismo e Cultura Contemporânea. Foram bons momentos de reflexão acerca do lugar do cristianismo na actualidade, da sua influência, dos problemas actuais que se põem à sua afirmação, de como devemos arranjar maneiras renovadas de fazer brilhar a beleza da sua verdade na actualidade.

No primeiro ano da Faculdade, o já Cónego Nuno Brás deu-me uma cadeira de Pré-Seminário de Metodologia. Ainda que não tenha sigo uma cadeira teológica, mas de mera formação metodológica, penso que teve a sua importância pelo que me ensinou de estruturação e organização de trabalhos, bem como da importância de levar a cabo trabalhos que têm de ser meticulosos, regrados e esquemáticos, como

os trabalhos científicos universitários.

No segundo ano, foi a vez de assistir às suas aulas de Revelação e Tradição. Como o professor dizia, era uma das cadeiras mais importantes do curso de Teologia (mas admitia que todos os professores dissessem isso das cadeiras que leccionavam!). E, de facto, marcou-me bastante, porque, como estava proposto no programa curricular, foi uma disciplina "leccionada no âmbito da Teologia Fundamental, que tem por finalidade conduzir o aluno a efectuar uma reflexão sobre a revelação divina e a sua transmissão na vida da Igreja, de forma a habilitá-lo a elaborar o restante discurso teológico". Foram aulas importantes para formar um pensamento teológico centrado em Jesus Cristo, revelador e revelação do Pai.

Ainda no segundo ano tive o Senhor Reitor como professor substituto em Fé e Teologia, uma vez que o docente, o Padre Domingos Terra, tinha partido o pé. Portanto lá veio o Cónego Nuno Brás leccionar a parte da Teologia. Fê-lo baseando-se no seu livro "Introdução à Teologia" de forma bastante interessante e elucidativa, fazendo um percurso que, se bem me lembro, passou por traçar um panorama da História da Teologia, o Método Teológico, a relação entre Sagrada Escritura e Tradição e o Magistério.

Por fim, a última unidade curricular que me leccionou foi um seminário intitulado "Leituras teológicas de Hans Urs von Balthasar". Foi um privilégio, uma vez que o professor é um assumido "fã" de von Balthasar, fazendo parte do Núcleo de Estudos Balthasarianos da nossa Faculdade. Foi bastante importante para conhecer mais a fundo este que é dos maiores teólogos contemporâneos, e, concretamente, a sua grande obra "Glória".

Este foi o percurso em que vi D. Nuno Brás como meu professor, mas mais rico ainda foi o caminho que fizemos enquanto formador e seminarista. Sempre me marcou a atenção com que o nosso Reitor nos tratava, nunca se esquecendo de telefonar no nosso dia de anos (ainda por cima quando calhava em tempo de férias de Verão, como o meu!). Este é apenas um pormenor, mas que revela a paternidade com que sempre se relacionou connosco.

Já no Seminário dos Olivais pude privar de perto com D. Nuno, e com ele aprender muito da vida da Igreja. Tanto a nível local (sempre contou muitas histórias sobre o passado do Seminário e de tantos padres do Patriarcado) como a nível nacional e universal, explicando-nos muitas vezes o que acontece na Igreja Católica em Portugal o no mundo. Acima de tudo guardo a imagem de um Reitor com uma personalidade vincada, capaz de ralhar quando era preciso mas também de brincar com a maior simplicidade e de nos levar a sério. Um Reitor que sempre nos mostrou claramente que a nossa caminhada tem de ser algo muito sério. uma decisão vivida e assumida cada dia, com liberdade e responsabilidade, de gente adulta que se sabe amada por Deus e que deseja pôr-se à disposição da Igreja para que possa servir Jesus Cristo como Ele quer ser servido.

Penso que foi nesta atitude que o Senhor Reitor agora aceitou a decisão do Santo Padre de o nomear Bispo de Elvas e Auxiliar de Lisboa, missão para a qual lhe desejo todas as bênçãos de Deus. Estes são os meus votos e este pequeno testemunho é a minha forma de agradecer tudo o que D. Nuno Brás tem feito pelos seminaristas. ●

Duarte Andrade e Sousa,
6º ano do Seminário dos Olivais

Pastor e teólogo

Doutora Maria Manuela da Conceição Dias de Carvalho

«E não hei-de eu estar velha!» ouvia dizer muitas vezes, perante um novo passo na caminhada de alguém. Pois também agora o digo: D. Nuno Brás da Silva Martins é o meu terceiro ex-aluno que a Igreja chama ao Episcopado. E se é uma realidade que esqueci nomes e rostos de tantos alunos, não é o que acontece no caso presente, porque houve um percurso sempre de proximidade, diria mesmo de vizinhança: na Paróquia dos Anjos; em Roma, na minha pequena estadia no Colégio Português; na Universidade Católica: e, o que é mais caro ao meu coração, no Núcleo de Estudos Balthasarianos.

D. Nuno Brás foi um bom aluno, interessado, estudioso e bem-disposto. num grupo de colegas que fizeram do curso um momento aprazível para eles e para os professores. É esta a sensação que tenho, depois de tantos anos.

Logo que foi ordenado, veio para a Paróquia dos Anjos onde resido, e a nossa relação tornou-se muito mais próxima. Lembro alguns serões de leitura do texto que estava a elaborar para a sua tese, e sobre o qual íamos trocando impressões. Apreciei também, nesse período, a sua postura atenta e solícita junto do Prior, o bom Padre João de Sousa,

já enfraquecido pela sua longa doença e junto do Sr. Cardeal Patriarca D. António Ribeiro, com quem residia e que procurava acompanhar. Julgo que o seu trabalho paroquial foi muito fecundo, principalmente junto dos jovens, e muito paciente perante alguns exageros (diria mesmo beatices) daquelas santas senhoras, que aparecem em todas as paróquias. Um dia, foi demais... Terminou a Eucaristia e pediu uns minutos de atenção. Levantou as mãos, e disse em tom de quase desespero: «Estou todo lambido!» e explicou que para comungar não era preciso lamber as mãos do sacerdote... Foi tão cómico o que disse, e o desabafo tão veemente, que nunca pude esquecer esse episódio.

Partiu depois para Roma, mas encontrávamo-nos sempre que vinha a Portugal, e foi numa dessas vindas que lembrou o nome do Professor da Universidade Gregoriana D. Rino Fisichella para arguente da minha tese. Daí o nosso posterior encontro em Roma, e o apoio de intermediário que me foi dando e pelo qual lhe fiquei sempre muito grata. É preciso lembrar que D. Rino Fisichella fizera a sua tese de doutoramento sobre o teólogo suíço Hans Urs von Balthasar, o que aqui se ignorava. Daí, o precioso da informação, mas daí também o «bichinho Balthasariano» que se tornou comum.

Ao voltar para Portugal, começou a sua aventura académica, e aí fomos colegas, já não muito tempo, porque para mim chegava o júbilo da velhice. Mas o tempo suficiente para um convívio sempre amigo e para manter o interesse pela obra Balthasariana. Surgiu-nos, mal me jubilei, uma ideia que temos conseguido tornar viva: o Núcleo de Estudos Balthasarianos – NEB. Estudar von Balthasar tem sido para o D. Nuno, creio que o posso dizer, mais do que um adquirir de conhecimentos teológicos, sempre bem fundamentados na Escritura e na Patrística, e

desenvolvidos numa dinâmica sapiencial que pressupõe a vasta cultura do teólogo, filósofo e linguista suíço, mas que exprime principalmente a sua fé, a qual impede que os seus escritos caiam numa esterilidade especulativa, mas sejam, antes, a expressão de uma espiritualidade séria: séria, porque bem fundamentada e reflectida; séria, porque testemunha de uma confissão vital. De facto, o cristianismo é «um caso sério», porque, ou testemunha Jesus Cristo, que por nós morreu, para nos dar a vida Trinitária, ou é uma gnose sem vitalidade e sem amor.

Permita-me, D. Nuno, que lhe deseje, na sua missão episcopal, a transmissão da fé, na sua beleza, bondade e verdade, na riqueza do testemunho que o nosso amigo comum tão fundamentalmente apresentou como eixo da vida cristã. Que Deus o ajude!

Com muita amizade

Doutora Maria Manuela da Conceição Dias de Carvalho

Confiados à Palavra

D. José Manuel Cordeiro

O lema episcopal que o D. Nuno escolheu, «In Verbo Tuo», leva-me a evocar S. Paulo na despedida que em Mileto fez aos presbíteros-bispos (anciãos) da Igreja de Éfeso: *«e agora, confio-vos a Deus e à Palavra da sua graça que tem o poder de construir o edifício e de vos conceder parte na herança com todos os santificados»* (Act 20, 32). Na verdade, nós somos confiados à Palavra e não o contrário. Somos servos da Palavra e na escuta acolhemos o dom da Palavra feita pessoa, sendo Ele mesmo o Evangelho da Esperança a comunicar às pessoas do nosso tempo. Ser evangelizador não é nenhum privilégio, mas um compromisso que deriva do primado da fé.

Conheci o D. Nuno Brás em Roma. De 2002 a 2005 constituímos a direcção do Pontifício Colégio Português, sendo ele Reitor e eu Vice-reitor. O Colégio, mantido em Roma pela Conferência Episcopal Portuguesa para facilitar a realização dos estudos de especialização e pós-graduação, é um espaço e um tempo privilegiado para a formação permanente dos presbíteros enviados pelos seus bispos. Estar em Roma oferece uma oportunidade singular à experiência eclesial e cultural. A

própria "geografia" do Colégio e a vida académica romana apresentam-se como um observatório único da catolicidade da Igreja.

Ao Senhor D. Nuno Brás desejo um feliz ministério episcopal ao serviço do Evangelho da Esperança na Igreja e no mundo. ●

D. José Manuel Cordeiro

PALAVRA DE DEUS E VOCAÇÕES
À LUZ DA *VERBUM DOMINI*

Padre José Miguel Barata Pereira

1. A PALAVRA DE DEUS CHAMA PESSOALMENTE

Ao abordar esta relação entre Palavra de Deus e vocações a *Verbum Domini* começa por referir que Cristo é a Palavra de Deus entre nós, a Qual "***chama cada um em termos pessoais***", e revela "***que a própria vida é vocação em relação a Deus***" (n.º 77).

Com toda a clareza aponta a fé cristã como um chamamento pessoal que leva ao encontro com Cristo. Isto tem que ter necessariamente consequências. Toda a iniciação cristã, e mais vasto ainda, toda a acção pastoral não podem deixar de configurar um chamamento feito em termos pessoais. Não se trata de relativizar a dimensão comunitária: sabemos que Deus que chama é Deus-comunhão, que Se revela constituindo em povo ou comunidade de discípulos, e chama à comunhão com Ele, por Jesus Cristo cujo corpo é a Igreja. Precisamente porque é um chamamento pessoal, e ser pessoa implica identidade e relação, não se trata de uma realidade individual, privada ou intimista.

Mas precisamente porque é pessoal, não pode esconder-se numa pastoral do colectivo. Seja a acção pastoral, seja a iniciação cristã, seja o cuidado vocacional. A voz não pode e não deve adulterar a Palavra e os seus dinamismos. A falta de tempo, o medo do individualismo, o sentimento de pouco à-vontade, muitas outras razões que tantas vezes invocamos não podem levar a que muitos fiéis não toquem a fé, logo na sua fase de iniciação, como experiência de um chamamento feito em termos pessoais. É preciso centrar aqui a educação cristã. Não basta ensinar e alimentar orações, doutrina, comportamentos pessoais e sociais. Não basta ensinar a ser melhor (melhor pessoa, melhor para os outros). Não basta alimentar propostas gerais que facilmente venham a redundar em pietismos devocionais ou em solidariedades voluntaristas. Não deveria ser comum que o testemunho maioritário dos que se apresentam para ser confirmados depois de dez ou mais anos de catequese seja a de que "nunca escutaram Deus", ou de que apenas têm consciência de que Deus lhes peça o que pede a todos, sem qualquer palavra que lhes seja dirigida pessoalmente.

É preciso oferecer, no caminho feito em comum, **propostas que sejam pessoais** e se apresentem com **a força de um chamamento**. É preciso que cada fiel possa fazer a experiência que aquela palavra vem do Senhor e é dirigida a si. Umas vezes, mesmo que verbalmente soe de igual modo para muitos outros, ela carrega uma força que lhe é dirigida pessoalmente. Outras vezes, ela é pensada explicitamente para ele, preparada há muito e agora clarificada. Também é preciso que essa mesma palavra não apareça com peso indiferenciado: às vezes ela apresenta-se como luz iluminadora... outras como sugestão ou convite... outras como oportunidade a não perder... outras como chamamento

firme ou até como envio ordenador... Não basta oferecer uma hipótese (vinda de Deus) entre tantas outras, que depois cada um escolherá se quer ou não quer seguir... Mas esta é, tantas vezes, a forma como muitos cristãos são capazes de "definir" a sua vida cristã! É preciso guiar a **escutar e decidir com Cristo**, de modo que cada um possa dizer: «*Já não é pelas tuas palavras que acreditamos; nós próprios ouvimos e sabemos que Ele é verdadeiramente o Salvador do mundo.*» (Jo 4, 42); ou também: «*o que ouvimos, o que vimos com os nossos olhos, o que contemplámos e as nossas mãos tocaram relativamente ao Verbo da Vida, [...] o que nós vimos e ouvimos, isso vos anunciamos...*» (I Jo 1, 1.3a)

2. EDUCAR PARA A ESCUTA E A RESPOSTA À PALAVRA DE DEUS

Esta perspectiva levanta outra questão: não basta apresentar Cristo, Palavra que chama em termos pessoais quando aquele que é chamado já não sabe escutar. Hoje é preciso educar para a escuta: há que iniciar ao silêncio onde a Palavra ressoa, à profundidade onde a Palavra germina e lança raiz, à paciência e à esperança onde a Palavra rebenta e desabrocha; há que ensinar a distinguir as muitas palavras da Palavra que chama, e a reconhecer as palavras e os demais lugares onde a Palavra encarna e ressoa.

De igual modo, é necessário ensinar a reconhecer a marca do chamamento. Esta Palavra é viva e eficaz, tem a força criadora de fazer acontecer o que anuncia. No fiel chamado, ser pessoal e livre, essa acção não é automática. Se Deus chama, espera uma resposta, voluntária e decidida. Aquele que se descobre diante da Palavra de Deus que

chama, e que chama desde a eternidade e para a eternidade, descobre-se sustentado por essa Palavra. Assim, descobre-se não só chamado a responder *à* Palavra mas a responder *na* Palavra. Ela é a fonte e a meta, mas também o caminho. Ela é a vida e a verdade. Há que oferecer esta experiência: iniciar a viver em Cristo. Um pouco à frente, veremos algo mais sobre este aspecto, mas por agora fica esta referência: viver em Cristo é viver ao jeito de Cristo, que vivia a partir não de Si mas de um Outro que é o Pai, em resposta à iniciativa do Pai. Isto levará a descobrir que ser autêntico não é ser autor mas segundo o Autor. Não se trata de se sujeitar a uma missão (como tantos tantas vezes referem!) mas de se ser autenticamente. Este dinamismo vocacional é o ADN da vida cristã e da pastoral da Igreja (as prioridades e acções pastorais da Igreja, se perdem a chama de uma resposta, sempre renovada, à iniciativa de Deus, fossilizam em rotinas ou hábitos adquiridos e privam os fiéis dessa experiência fundante da fé que é o chamamento feito em termos pessoais).

3. CHAMADOS À SANTIDADE

A *Verbum Domini* continua, explicitando duas concretizações deste dinamismo vocacional da fé: «*quanto mais aprofundarmos a nossa relação pessoal com o Senhor Jesus, tanto mais nos damos conta de que Ele nos chama à santidade, através de opções definitivas, pelas quais a nossa vida responde ao seu amor, assumindo funções e ministérios para edificar a Igreja*» (n.º 77).

A primeira concretização apresenta-nos a santidade como o horizonte da acção pastoral da Igreja. Oferecer a cada fiel a possibilidade

de responder ao chamamento do Senhor para viver n'Ele é suscitar em cada um a descoberta e o desejo de ser santo. Há que dizer a cada um que o sentido da vida é a santidade, a vida ao jeito e tamanho do Santo, Cristo. Como enunciámos atrás, n'Ele está a vida verdadeira, de todos e de cada um. Por isso, n'Ele está a vida feliz, não há felicidade sem santidade. N'Ele está a norma da vida, não há vida normal sem santidade. Não há os santos, ao estilo super-heróis, e os normais (como sugeria a resposta de uma mãe que prontamente rejeitava o desejo de que o filho fosse santo pois queria-o normal).

Repito: não há os santos, ao estilo super-heróis, e os normais. A vida em Cristo, santa e imaculada, perfeita, antes de vida sem erro, trata-se de vida sem fundo, abundante, plena, na graça e na paz. Iniciar à santidade não é propor uma imitação voluntarista de uma medida impossível: a impecabilidade de Cristo. É antes convidar a unir-se a Deus, viver na sua companhia e na sua presença, como quem mergulha n'Ele e O acolhe em si, a ponto de ir sendo transformado por Ele. Como ensinou João Paulo II: «*Na verdade, colocar a programação pastoral sob o signo da santidade é uma opção carregada de consequências. Significa exprimir a convicção de que, se o Baptismo é um verdadeiro ingresso na santidade de Deus através da inserção em Cristo e da habitação do seu Espírito, seria um contra-senso contentar-se com uma vida medíocre, pautada por uma ética minimalista e uma religiosidade superficial. Perguntar a um catecúmeno: «Queres receber o Baptismo?» significa ao mesmo tempo pedir-lhe: «Queres fazer-te santo?» Significa colocar na sua estrada o radicalismo do Sermão da Montanha: «Sede perfeitos, como é perfeito vosso Pai celeste» (Mt 5,48)*» (NMI 31).

A segunda concretização aponta-nos a tomada de opções definitivas assumindo funções e ministérios para edificar a Igreja, como resposta ao amor que chama à santidade, segundo os diferentes estados de vida. Desde logo se manifesta que o encontro com Cristo não deixa ficar na consolação interior. Quando esta é fruto da acção de Deus no crente, então ela será resposta que amadurecerá até assumir uma configuração definitiva em favor do corpo eclesial. Por isso a resposta vocacional já não procura a realização pessoal mas a edificação da Igreja, corpo de Cristo e, em termos mais abrangentes, o cumprimento do Reino de Deus inaugurado no mesmo Cristo. É urgente apontar nesta direcção, o que pede algumas mudanças de perspectiva.

4. NOVIDADE DA VIDA EM PERSPECTIVA VOCACIONAL

Primeiro, é preciso iniciar na descoberta de que **a felicidade não é um objectivo mas uma consequência.** Ela não surge como prémio final a alcançar por meio de opções seguras. Ela é o dom que acompanha a vida que se recebe de Deus: sempre que se mergulha na vida mergulha-se mais um pouco na felicidade do Reino. Ela cresce de dia para dia na exacta medida em que cresce a vida de Deus em cada um e no mundo, até ser tudo em todos. Se não se entende isto, nunca se tomam opções: fica-se sempre à espera de um sinal claro, de um tempo oportuno, de uma preparação ainda não alcançada, de uma segurança que ainda não se tem, de uma maturidade que ainda não se vê. Que desafios isto traz, tanto aos chamados, como aos que o Senhor chama a ser instrumentos do seu chamamento!

Segundo, do exposto acima decorre que o acento na resposta vocacional não é poder escolher o que se quer, mas **poder responder ao dom** amoroso de Deus que espera para produzir frutos pessoais e comunitários. Quem escolhe o que quer, às vezes acolhe a felicidade, outras, rejeita-a. Quem escolhe obedecer à Palavra que chama, recebe sempre a felicidade inerente à vida que a Palavra traz. Por isso é urgente educar para a obediência da fé, no sentido de que ao chamamento de Deus o sim é a única resposta possível. O não não é uma resposta, é uma não resposta. Pode haver luta, caminho, dúvida, discernimento... Uma vez reconhecida que a Palavra é de Deus, pode-se não entender nem se sentir capaz de tudo: só a obediência permite percorrer o caminho ainda por fazer. Como lembra o senhor Patriarca, citando Madeleine Delbrêl: «*O Evangelho é o livro da vida do Senhor. Está feito para se tornar o livro da nossa vida. Não foi feito para ser compreendido, mas para ser abordado como a porta do mistério. Não está feito para ser lido, mas para ser recebido em nós. Cada uma das suas palavras é espírito e vida. Ágeis e livres, só esperam a avidez da nossa alma para penetrar nela. Vivas, são elas próprias como o fermento inicial que penetrará na nossa "massa" e a fará fermentar num novo modo de vida. (...) As palavras do Evangelho são milagrosas. Não nos transformam porque nós não lhes pedimos para nos transformarem. Mas, em cada frase de Jesus, em cada um dos seus exemplos, permanece a força fulminante que curava, purificava, ressuscitava. Na condição de sermos, em relação a Ele, como o paralítico ou o centurião: agir imediatamente, numa obediência total*» (Carta Pastoral n.º 6).

Terceiro, opção vocacional não é poder escolher tudo, mas **poder escolher o definitivo**. É tendendo para este horizonte que a decisão

vocacional amadurece como resposta de amor. Se não evolui para aqui, se quer sempre manter a possibilidade de refazer de novo, então nunca se entrega, nunca se abandona em definitivo. Educar para escolher o definitivo é ajudar a passar do gosto que se aceita partilhar ao amor, do efémero que se procura repetir ao eterno, das vivências de Deus ao viver em Deus.

Quarto, a resposta vocacional ao chamamento de Deus não deve ter como elemento decisivo as capacidades ou sentimentos de quem se descobre chamado mas as necessidades manifestadas para a edificação da Igreja. Isto exprime desde logo que a vocação a uma determinada função ou ministério não é um direito de quem sente que tem apetência para tal. É uma iniciativa de Deus para edificar a Igreja, e que distribui os carismas segundo o seu desígnio. Se levarmos tal dinamismo a sério não podemos ficar à espera que cada um se aperceba no seu íntimo do que Deus quer e se apresente à Igreja. Temos que ser mais dóceis à acção de Deus que chama também através de nós. Exprime também que o acesso a diferentes funções e ministérios não decorre de outras razões (como a escassez de sacerdotes, ou a tentativa de promoção dos leigos) que não a resposta de santidade que une o fiel baptizado a Cristo e o constitui membro do seu corpo segundo um determinado estado de vida.

Introduzo aqui um parêntesis para fazer notar que a quase totalidade das funções e ministérios na Igreja não tem outra graça sacramental que não a do baptismo. Por isso é de questionar quando o cuidado vocacional específico se dilui, nomeadamente para com as múltiplas formas de vida consagrada, em nome de uma acentuação pelo cuidado da vocação à santidade, como se a santidade e o baptismo configurassem exclusivamente uma natural vocação ao laicado. Também

os leigos precisam de discernir a que funções e ministérios laicais são chamados E mesmo a vocação natural a constituir família precisa de ser discernida, se quiser ser vivida como resposta de santidade e sinal sacramental para a edificação da Igreja.

5. A PALAVRA DE DEUS E O MINISTÉRIO ORDENADO

A *Verbum Domini* dedica depois uma atenção às diferentes vocações específicas. Quanto aos Ministros Ordenados da Igreja, Bento XVI recorda-lhes que «*a Palavra de Deus é indispensável para formar o coração de um bom pastor, ministro da Palavra*», *pelo que é indispensável «um decidido e renovado compromisso de santificação, que tem um dos seus pilares no contacto com a Bíblia»* (n.º 78).

Como escutámos, o qualificativo de bom pastor com que os ministros ordenados são aqui apresentados é o de ministro da Palavra. Sabendo que os sacerdotes (bispos e presbíteros) são normalmente apresentados por referência à oferta do sacrifício (eucarístico) poderíamos supor que este denominação seria para alargar e integrar também os diáconos, também eles Ministros Ordenados da Igreja. Creio poder retirar daqui um sentido mais profundo. No início desta abordagem sobre a relação entre Palavra de Deus e vocações, Cristo é apresentado como Palavra de Deus entre nós. Assim, "Palavra" exprime tanto a identidade da segunda Pessoa da Trindade – o Verbo Eterno –, como a sua missão de serviço sacrificial entre nós – o Verbo feito carne (Jo 1, 14), que nos disse Deus (Heb 1, 2). Se notarmos bem, o sacrifício pascal de Cristo que tem o seu ápice no acontecimento da

Cruz, foi antecipado na palavra sacramental da última ceia – «isto é o meu corpo entregue por vós; este é o cálice do meu sangue (...) que será derramado por vós» – e iniciado no mistério da Encarnação, quando "*Cristo Jesus, que era de condição divina, não Se valeu da sua igualdade com Deus, mas aniquilou-Se a Si próprio tomando a condição de Servo e tornando-se semelhante aos homens...*" (Fil 2, 6-7). Assim, Cristo-Palavra é o Verbo Eterno e o Deus humanado, é o Filho em Si e o Filho para nós, é o Mestre da Galileia e o Crucificado de Jerusalém... Deste modo qualificar o ministério ordenado como ministério da Palavra permite-nos acentuar dois aspectos do ministério ordenado: 1) nele, a configuração santificante é ministerial. É falando-nos que o Jesus diz o Pai; é morrendo por nós que Jesus obedece ao Pai; é no próprio exercício do ministério que o ministro se configura a Cristo e se santifica. Esta é a espiritualidade necessária e suficiente para a santificação do ministro (ainda que outras possam ter o seu espaço); 2) no ministério, a oferta do sacrifício de Cristo não se esgota na celebração eucarística (ainda que tenha nela o seu ápice) mas realiza-se em todas as acções e na vida oferecida diariamente como tal.

Neste horizonte, um bom pastor forma continuamente o seu coração, ciente que antes de exercer as acções de Cristo precisa de se deixar revestir pelos sentimentos de Cristo. Sabe que disso depende a fidelidade e autenticidade do seu ministério. Isso exige que, primeiro, o pastor conheça o pasto, se alimente e estruture em Cristo, Palavra que santifica; a leitura orante e meditada da Sagrada Escritura, seja nas horas de adoração pessoal, seja enquanto preside à oração da comunidade, há-de ser instrumento privilegiado para esse contacto íntimo e diário. Só assim poderá ser iluminado pelo olhar e sentir de Cristo, tão essenciais

para o discernimento espiritual e pastoral; só assim poderá oferecer o verdadeiro alimento e não outro qualquer; só assim poderá oferecer a cada um o que cada um precisa e não uma realidade indistinta, genérica. Só assim saberá guiar a Cristo. Se não toca o mistério não reconhece o mistério nem introduz ao mistério.

6. A PALAVRA DE DEUS E OS BISPOS

Depois a *Verbum Domini* dirige-se aos bispos, lembrando que o que alimenta e faz crescer a vida espiritual, (antes de quaisquer programas ou dinamizações, acrescento eu), é em **«primeiro lugar a leitura e a meditação da Palavra de Deus», a qual «tem o poder de construir o edifício».** (n.º 79).

Além deste desafio em centrar a vida espiritual e pastoral na Palavra de Deus escutada e capaz de suscitar caminhos de resposta, pergunto se sendo os bispos os primeiros responsáveis não seria de tornar mais visível o nexo entra a Palavra proclamada e pregada e a provocação vocacional, nomeadamente nas homilias ou nos encontros com os jovens e crismandos?

7. A PALAVRA DE DEUS E OS PRESBÍTEROS

Seguindo na referência aos sacerdotes, esta Exortação Apostólica repete o que já dissera dos ministros ordenados em geral, acentuando as razões ministeriais da escuta e obediência que devem à Palavra: **«antes de mais, o sacerdote é *ministro da Palavra de Deus,*** é consagrado e enviado a anunciar a todos o Evangelho do Reino, chamando cada

homem à obediência da fé e conduzindo os crentes a um conhecimento e comunhão sempre mais profundos do mistério de Deus, revelado e comunicado a nós em Cristo. Por isso, o próprio sacerdote deve ser o primeiro a desenvolver uma grande familiaridade pessoal com a Palavra de Deus: não basta conhecer o aspecto linguístico ou exegético, sem dúvida necessário; **é preciso abeirar-se da Palavra com coração dócil e orante, a fim de que ela penetre a fundo nos seus pensamentos e sentimentos e gere nele uma nova mentalidade – "o pensamento de Cristo"** (1 Cor 2, 16)». (n.º 80)

Sem me querer repetir, saliento agora alguns elementos específicos do serviço da Palavra no ministério sacerdotal: 1) anunciar a todos o Evangelho do Reino; anunciar a todos significa não desistir de nenhum dos que são dados, quer de forma regular (confiados por mandato do bispo) quer de forma pontual. Não confundamos "os que são dados" com "os que nos procuram". Muitos dos que são dados ao nosso cuidado já não nos procuram... mas, sem ansiedade ou presunção de que Deus só salva por meio da acção pastoral do sacerdote, este há-de sentir uma saudável tensão pela salvação de todos (no coração de um cristão, e mais ainda de um padre, hão-de caber a totalidade dos homens que há no mundo), mormente os que lhe estão mais directamente confiados. Só «atraídos para a intimidade de Deus por meio da sua imersão na Palavra divina que os purifica, [...] que os transforma no ser de Deus» (n.º 80), como lembra a *Verbum Domini*, é que os sacerdotes hão-de manter a frescura interior que os leva a permanecer em Deus sem desistir de ninguém. 2) Chamar cada um à obediência da fé. Nunca é de mais referir aqui a necessidade de iniciar os fiéis no hábito do diálogo pessoal ou direcção espiritual que permite traduzir a fé em apelos pessoais e concretos nas

vida e circunstâncias pessoais, familiares, eclesiais e sociais de cada um. Não basta carregar com preceitos ou orientações... É preciso ajudar a concretizar, aplicar, rever, insistir, reformular, renovar, confirmar... É preciso levar tantas vezes a passar da atitude de quem quer ver para acreditar àquela outra de quem acredita e obedece para poder ver. E como isso supõe que o pastor seja o primeiro a tocar essa nova forma de ver para poder oferecê-la aos demais fiéis. 3) Conduzir os crentes a um conhecimento e comunhão sempre mais profundos do mistério de Deus. Aqui ressalta feliz o binómio conhecimento e comunhão. É a possibilidade de tocar o mistério de Deus que permite começar a vivê-lo. Assim, edificar a comunhão eclesial supõe tocar, tanto quanto nos é dado em Jesus Cristo, a comunhão trinitária. Por isso os sacerdotes hão-de gastar algum tempo do seu dia a entrar na intimidade orante de modo a serem consagrados na verdade, ou seja, tornados um só com Cristo, unidos a Ele, atraídos para dentro de Ele (n.º 80). Dessa oração hão-de colher o modo de gerar comunhão na comunidade; por sua vez, essa animação da comunhão também há-de oferecer novos instrumentos que aprofundarão a união e pertença a Deus.

Introduzo aqui um outro parêntesis para fazer notar que neste horizonte de comunhão onde a Palavra alimenta, tanto na oração pessoal como na comunitária tem que haver lugar para o silêncio. A palavra silenciosa do Pai que se cala na Cruz, e também a do Filho (depois de expirar) são o horizonte para os sacerdotes viverem os silêncios, abandonos, rejeições e dores como a oportunidade que o Senhor lhes dá de subir com Ele para a Cruz e de experimentar a densidade da presença do Pai que nos recebe e da ternura do Filho pelo mundo a quem abraça nessa hora decisiva.

8. A PALAVRA DE DEUS E OS DIÁCONOS

Quanto aos diáconos, a *Verbum Domini* realça a diaconia da Palavra como expressão do serviço de Cristo e logo os convida a «*uma leitura crente da Sagrada Escritura na própria vida com o estudo e a oração*», ao anúncio da Palavra com autoridade, acreditando naquilo que proclamam, ensinando aquilo que acreditam, vivendo aquilo que ensinam, e ainda ao exercício desta diaconia na pregação, na catequese, na actividade pastoral... (cf. n.º 81)

Ressaltando na missão dos diáconos a espiritualidade de serviço que ajuda toda a Igreja a apresentar-se como serva, e centrando o seu anúncio autorizado da Palavra numa leitura crente da Escritura, os diáconos podem assumir um papel importante na dinamização dos crentes para uma animação da sociedade e da cultura à luz da fé. Que formas e áreas da vida humana serão de apostar? E aqui, como é que a liturgia é ponto de chegada e de partida para uma presença de anúncio, e não se reduz a uma ajuda aos párocos para aliviar o trabalho, ou a um ponto de descanso onde quase se concentra a visibilidade do diácono enquanto ministro?

9. A PALAVRA DE DEUS E OS SEMINARISTAS

A *Verbum Domini* dedica o número seguinte aos candidatos às ordens sacras. Realço dois aspectos referidos pelo Papa.

Em primeiro lugar não há discernimento, decisão e fidelidade vocacionais que não se suportem na escuta do Senhor que fala. «É com a luz e a força da Palavra de Deus que pode ser descoberta, compreendida, amada e seguida a respectiva vocação e levada a cabo

a própria missão, alimentando no coração os pensamentos de Deus, de modo que a fé, como resposta à Palavra, se torne o novo critério de juízo e avaliação dos homens e das coisas, dos acontecimentos e dos problemas». É decisivo a atitude de quem vem para se deixar formar. Claro que o protagonista dessa formação é o Espírito Santo que faz acontecer Cristo em cada um e nas comunidades. Mas ser formado para as ordens sacras não é mera aquisição de conhecimentos teológicos ou práticas pastorais... nem sequer de exercícios de piedade... Trata-se de ser iluminado e transformado por essa Palavra que converte, consagra e configura. Que convoca e reenvia para a comunidade, de modo que o candidato pertença cada vez mais a Cristo e à Igreja. Essa transformação há-de ser palpável e encontrar um primeiro espaço de visibilidade na comunidade de Seminário. Por isso é fundamental a atenção a cada um e à sua capacidade de se deixar formar. Na formação sacerdotal não se trata de perguntar quem quer ser padre, quem já pensou nisso, quem tem jeito... não se trata de acolher e garantir os que se ofereceram... não se trata de dar umas competências pastorais a quem já sabe qual a sua vocação... Trata-se de oferecer um tempo sério de transformação a partir do encontro autêntico com a Palavra viva: daí se confirmará (ou não) a vocação. Num tempo onde cada vez mais aparecem candidatos mais avançados na idade, não devemos embarcar com facilidade numa pastoral das vocações sacerdotais que privilegie quase exclusivamente essa proveniência. Há que aferir o porquê de a questão se ter colocado (tão) mais tarde... Há que ver se a pessoa mantém capacidade de se deixar formar... há que aferir se as acentuações e modelos de Igreja e de sacerdócio são passiveis de se integrar no que a Igreja e concretamente a Diocese e o presbitério têm para propor.

A formação sacerdotal há-de oferecer uma unidade entre a abordagem estudiosa e a orante da Escritura como expressão da Palavra de Cristo. Uma abordagem integral da Escritura, levará a fazer unidade com a história da salvação percebendo que a relação de Deus com o seu povo não se cristaliza em formas de uma determinada época; também não cabe nem nos rigorismos do cumprimento da lei (com todas as suas proibições e concessões), nem nos relativismos do seguimentc do senso individual (ou falta dele).

10. A PALAVRA DE DEUS E A VIDA CONSAGRADA

A *Verbum Domini* refere de seguida a vocação à vida consagrada, reconhecendo nela uma «**"exegese" viva da Palavra de Deus**», uma vez que sobre os fundadores e fundadoras actuou o Espírito Santo com os mesmos dinamismos inspiradores com que actuou nos autores sagrados. Foi na vida eclesial e na escuta da Palavra de Deus que os diferentes carismas se foram configurando em regras de vida, e na radicalidade de vida evangélica para um seguimento de Cristo casto, pobre e obediente. A vida consagrada no seio da Igreja é assim um testemunho vivo dessa forma do Céu vir à Terra. Não tanto pelo seu agir, mas pelo seu ser e pelos dinamismos por meio dos quais ela acontece.

A esta perspectiva, a Verbum Domini ainda acrescenta uma referência específica à vida monástica uma vez que esta sempre se suportou na *lectio divina* como escuta e assimilação da Palavra de Deus, à imagem da Virgem Maria que tudo guardava no coração. Do mesmo modo, o exemplo de Maria, irmã de Lázaro, condensa em si toda essa experiência monástica que nada antepondo à companhia, à escuta, ao

amor do Senhor, suportam o mundo de hoje, tantas vezes submerso em correrias sem descanso e são sinal e anúncio do Único decisivo e absoluto.

Vale a pena perguntar como é que a maioria dos cristãos vê a vida consagrada...? Se me permitem a provocação, a começar pelos consagrados, que tantas vezes caímos numa análise do sentido mais centrada na acção, nos carismas para a acção pastoral, do que no ser e nos dinamismos do acolhimento do Espírito, do testemunho do absoluto de Deus e da vida fraterna futura. De forma diversa de uma vocação ministerial, a vida consagrada é uma radicalidade do seguimento que depois frutifica nesta ou naquela área. Mas creio que grande parte dos fiéis não reconhece o tesouro da radical pertença, de corpo e alma, ao Senhor, que se torna horizonte de todas as nossas entregas ao mesmo Senhor, mediadas em outras relações e pertenças.

11. A PALAVRA DE DEUS E OS LEIGOS

A *Verbum Domini* segue com referência à vocação laical. Chamados a difundir o evangelho nos vários âmbitos da vida diária, no trabalho, na escola, na família e na educação, os fiéis leigos precisam de ser formados a discernir a vontade de Deus por meio de uma familiaridade com a Palavra de Deus, lida e estudada na Igreja, sob a guia dos legítimos Pastores. (n.º 84)

Este cuidado exige uma aposta decidida por parte dos pastores. Não se trata de dar o básico. Trata-se de dar ferramentas que os ajude a estar no mundo com solidez de fé e critérios de discernimento em situações tantas vezes difíceis. Trata-se mesmo de uma atenção mais

cuidado em ordem a identificar aquelas e aqueles, com capacidade de ir mais longe, que possam ser referência de vida cristã nos vários campos da sociedade. Trata-se de oferecer caminhos de vida de fé sólida que inspire a participação e a transformação social, inspiradora de grandes fundamentos culturais. O medo do saudosismo por uma cristandade perdida ou que que nos acusem de procurar poder, de reivindicar dinheiros ou de sacralizar o mundo, creio que nos tem adormecido e contentado com um pequeno resto de laicado alimentado e mais maduro. Os movimentos têm feito algo. O Instituto Diocesano de Formação Cristã também tem tentado. É preciso alargar a rede.

Destacando mesmo um ponto à parte, a Verbum Domini dedica uma atenção aos leigos casados, às famílias cristãs. Sublinhando (no n.º 85) que a família se inicia com um novo sacramento que eleva a aliança nupcial ao horizonte de uma instituição do Reino, a exortação apostólica recorda que o matrimónio tem na origem a própria palavra de Deus, depois reafirmada pelo Senhor Jesus. Como sacramento, ele é iniciado no concreto da existência dos esposos, por uma palavra profética dita em ambiente de celebração, logo de proclamação da Palavra de Deus. A mesma Palavra de Deus apresenta-se como caminho de fidelidade e superação das infidelidades e dificuldades conjugais, pois oferece na sua aliança nupcial com a Igreja o modelo e os meios da graça (oração em família, anúncio da Palavra, escuta e conhecimento da Bíblia, pequenas comunidades de famílias,...) para esse percurso de vida.

Também aqui valia a pena uma reflexão. Termino, deixando algumas pistas que a favoreçam. O matrimónio parece tantas vezes o parente pobre dos sacramentos para os quais se pede uma formação,

reduzindo-se esta tantas vezes aos CPM. Alguns movimentos fazem acompanhamento de casais e famílias e poucas paróquias ensaiam o mesmo... Mas falta colocar o matrimónio e a vida familiar no horizonte de uma vocação para a qual é preciso discernir se se é chamado. Falta colocar a paternidade e a maternidade no horizonte de um serviço eclesial que não apenas uma decisão meramente pessoal que depois Deus e a Igreja acolhem. Falta levar a sério e tratar as famílias como primeiras células mais próximas e imediatas onde a Igreja se edifica. Falta ajudar os noivos a ter no namoro verdadeiros caminhos de discernimento vocacional para melhor conhecimento de si, do outro, do específico desta relação que se pode vir a constituir... ●

Padre José Miguel Barata Pereira

*Intervenção escrita (não lida na íntegra)
nas Jornadas de Formação Permanente do Clero
do Patriarcado de Lisboa, em 26 de Janeiro de 2011

Jornadas Mundiais da Juventude
Madrid 2011

HOMILIA DO PAPA BENTO XVI
NA MISSA COM OS SEMINARISTAS

Homilia do Papa Bento XVI
Missa com os seminaristas

Catedral de Santa Maria a Real da Almudena de Madrid
Sábado, 20 de Agosto de 2011

Senhor Cardeal Arcebispo de Madrid,
Queridos Irmãos no Episcopado,
Queridos sacerdotes e religiosos,
Queridos reitores e formadores,
Queridos seminaristas,
Meus amigos!

Sinto uma profunda alegria ao celebrar a Santa Missa para todos vós, que aspirais a ser sacerdotes de Cristo para o serviço da Igreja e dos homens, e agradeço as amáveis palavras de saudação com que me acolhestes. Hoje, esta Catedral de Santa Maria a Real da Almudena lembra um imenso cenáculo onde o Senhor desejou ardentemente celebrar a Sua Páscoa com todos vós que um dia desejais presidir em seu nome aos mistérios da salvação. Vendo-vos, comprovo de novo como Cristo continua chamando jovens discípulos para fazer deles seus apóstolos, permanecendo assim viva a missão da Igreja e a oferta do evangelho ao mundo. Como seminaristas, estais a caminho para uma meta santa: ser continuadores da missão que Cristo recebeu do

Pai. Chamados por Ele, seguistes a sua voz; e, atraídos pelo seu olhar amoroso, avançais para o ministério sagrado. Ponde os vossos olhos n'Ele, que, pela sua encarnação, é o revelador supremo de Deus ao mundo e, pela sua ressurreição, é a fiel realização da sua promessa. Dai-Lhe graças por este sinal de predilecção que reserva para cada um de vós.

A primeira leitura que escutámos mostra-nos Cristo como o novo e definitivo sacerdote, que fez uma oferta total da sua existência. A antífona do salmo aplica-se perfeitamente a Ele, quando, ao entrar no mundo, Se dirigiu a seu Pai dizendo: «Eis-me aqui para fazer a tua vontade» (cf. Sal 39, 8-9). Procurava agradar-Lhe em tudo: ao falar e ao agir, percorrendo os caminhos ou acolhendo os pecadores. A sua vida foi um serviço, e o seu abnegado oferecimento uma intercessão perene, colocando-Se em nome de todos diante do Pai como Primogénito de muitos irmãos. O autor da Carta aos Hebreus afirma que, através desta entrega, nos tornou perfeitos para sempre, a nós que estávamos chamados a participar da sua filiação (cf. Heb 10, 14).

A Eucaristia, de cuja instituição nos fala o evangelho proclamado (cf. Lc 22, 14-20), é a expressão real dessa entrega incondicional de Jesus por todos, incluindo aqueles que O entregavam: entrega do seu corpo e sangue para a vida dos homens e para a remissão dos pecados. O sangue, sinal da vida, foi-nos dado por Deus como aliança, a fim de podermos inserir a força da sua vida onde reina a morte por causa do nosso pecado, e assim o destruir. O corpo rasgado e o sangue derramado de Cristo, isto é, a sua liberdade sacrificada, converteram-se, através dos sinais eucarísticos, na nova fonte da liberdade redimida dos homens.

N'Ele temos a promessa duma redenção definitiva e a esperança segura dos bens futuros. Por Cristo, sabemos que não estamos caminhando para o abismo, para o silêncio do nada ou da morte, mas seguindo para a terra prometida, para Ele que é nossa meta e também nosso princípio.

Queridos amigos, preparais-vos para ser apóstolos com Cristo e como Cristo, para ser companheiros de viagem e servidores dos homens.

Como haveis de viver estes anos de preparação? Em primeiro lugar, devem ser anos de silêncio interior, de oração permanente, de estudo constante e de progressiva inserção nas actividades e estruturas pastorais da Igreja. Igreja, que é comunidade e instituição, família e missão, criação de Cristo pelo seu Espírito Santo e simultaneamente resultado de quantos a configuramos com a nossa santidade e com os nossos pecados. Assim o quis Deus, que não se incomoda de chamar pobres e pecadores para fazer deles seus amigos e instrumentos para a redenção do género humano. A santidade da Igreja é, antes de mais nada, a santidade objectiva da própria pessoa de Cristo, do seu evangelho e dos seus sacramentos, a santidade daquela força do alto que a anima e impele. Nós devemos ser santos para não gerar uma contradição entre o sinal que somos e a realidade que queremos significar.

Meditai bem este mistério da Igreja, vivendo os anos da vossa formação com profunda alegria, em atitude de docilidade, de lucidez e de radical fidelidade evangélica, bem como numa amorosa relação com o tempo e as pessoas no meio das quais viveis. É que ninguém escolhe o contexto nem os destinatários da sua missão. Cada época tem os seus problemas, mas Deus dá em cada tempo a graça oportuna

para os assumir e superar com amor e realismo. Por isso, em toda e qualquer circunstância em que se encontre e por mais dura que esta seja, o sacerdote tem de frutificar em toda a espécie de boas obras, conservando sempre vivas no seu íntimo aquelas palavras do dia da sua Ordenação com que foi exortado a configurar a sua vida com o mistério da cruz do Senhor.

Configurar-se com Cristo comporta, queridos seminaristas, identificar-se sempre mais com Aquele que por nós Se fez servo, sacerdote e vítima. Na realidade, configurar-se com Ele é a tarefa em que o sacerdote há-de gastar toda a sua vida. Já sabemos que nos ultrapassa e que não a conseguiremos cumprir plenamente, mas, como diz São Paulo, corremos para a meta esperando alcançá-la (cf. Flp 3, 12-14).

Mas Cristo, Sumo Sacerdote, é igualmente o Bom Pastor, que cuida das suas ovelhas até ao ponto de dar a vida por elas (cf. Jo 10, 11). Para imitar nisto também o Senhor, o vosso coração tem de ir amadurecendo no Seminário, colocando-se totalmente à disposição do Mestre. Dom do Espírito Santo, é esta disponibilidade que inspira a decisão de viver o celibato pelo Reino dos céus, o desprendimento dos bens da terra, a austeridade de vida e a obediência sincera e sem dissimulação.

Pedi-Lhe, pois, que vos conceda imitá-l'O na sua caridade até ao fim para com todos, sem excluir os afastados e pecadores, de tal forma que, com a vossa ajuda, se convertam e voltem ao bom caminho. Pedi-Lhe que vos ensine a aproximar-vos dos enfermos e dos pobres, com simplicidade e generosidade. Enfrentai este desafio sem complexos nem mediocridade, mas antes como uma forma estupenda de realizar a vida humana na gratuidade e no serviço, sendo testemunhas de Deus

feito homem, mensageiros da dignidade altíssima da pessoa humana e, consequentemente, seus defensores incondicionais. Apoiados no seu amor, não vos deixeis amedrontar por um ambiente de onde se pretende excluir Deus e no qual os principais critérios por que se rege a existência são, frequentemente, o poder, o ter ou o prazer. Pode acontecer que vos desprezem, como se costuma fazer com quem aponta metas mais altas ou desmascara os ídolos diante dos quais muitos se prostram hoje. Será então que uma vida profundamente radicada em Cristo se revelará realmente como uma novidade, atraindo com vigor a quantos verdadeiramente procuram Deus, a verdade e a justiça.

Animados pelos vossos formadores, abri a vossa alma à luz do Senhor para ver se este caminho, que requer coragem e autenticidade, é o vosso, avançando para o sacerdócio só se estiverdes firmemente persuadidos de que Deus vos chama para ser seus ministros e plenamente decididos a exercê-lo obedecendo às disposições da Igreja.

Com esta confiança, aprendei d'Aquele que Se definiu a Si mesmo como manso e humilde de coração, despojando-vos para isso de todo o desejo mundano, de modo que não busqueis o vosso próprio interesse, mas edifiqueis, com a vossa conduta, os vossos irmãos, como fez o santo padroeiro do clero secular espanhol São João de Ávila. Animados pelo seu exemplo, olhai sobretudo para a Virgem Maria, Mãe dos sacerdotes. Ela saberá forjar a vossa alma segundo o modelo de Cristo, seu divino Filho, e vos ensinará incessantemente a guardar os bens que Ele adquiriu no Calvário para a salvação do mundo. Amen.●

Papa Bento XVI

Jornadas Mundiais da Juventude
Madrid 2011
TESTEMUNHOS

Ao serviço da juventude do Papa

Padre Carlos Miguel Gonçalves,
Prefeito do Seminário dos Olivais

Agosto de 2011 ficará na nossa memória como um mês muito especial. Entre os dias 16 e 21, decorreu a XXVI Jornada Mundial da Juventude, em Madrid. Nela participei, como faço desde a do Grande Jubileu do ano 2000 em Roma. Fi-lo como participante (já não tão) jovem, mas sobretudo como responsável do serviço diocesano da juventude de Lisboa. O mesmo tinha acontecido na última, Sydney 2008. Curiosamente, as mais recentes edições internacionais deste acontecimento são a (quase) mais distante possível e a (quase) mais próxima possível.

Como de costume, o ano pastoral foi marcado, pelo menos no que à pastoral juvenil diz respeito, pelo próprio tema da JMJ: "Enraizados e edificados em Cristo, firmes na Fé" (Cl 2,7). Foi um ano muito rico, e o Papa já tinha sublinhado que a vivência da JMJ em si, dependeria em muito da preparação que fizéssemos. Como fomos quase 2400 com o Serviço da Juventude, isso implicou uma "engenharia" especial para ajudar estes milhares de jovens a preparar-se para aquele que é sempre um encontro importante com Cristo na unidade e diversidade da Igreja.

Normalmente, quando regressamos de uma JMJ, contamos algumas peripécias, mas sobretudo narramos a maneira como o Senhor se manifestou aqui e ali, nesta e naquela pessoa, neste e naquele acontecimento, tantas vezes de modo inesperado, tantas vezes na precariedade. Madrid não foi excepção.

A acrescentar às dificuldades de uma peregrinação – com as dormidas, com as refeições, com o calor, com o caminhar, com as multidões – eu tinha como missão, com a minha equipa diocesana, garantir uma série de coisas das quais dependia, não propriamente o sucesso da JMJ para os nossos jovens (porque esse depende do Senhor), mas, pelo menos, criar as melhores condições possíveis para que Ele se manifestasse. E também isso aconteceu, por Sua graça. É impressionante ouvir testemunhos de jovens no regresso de uma Jornada! Diante de palavras que espelham uma vida tocada pelo Senhor, ou pelo encontro com outros jovens católicos, ou com o Papa, ou com a Palavra ou com os Sacramentos, ou com tudo isso ao mesmo tempo, damos por nós a pensar: "como e onde é que isto aconteceu? Eu até pensava que este jovem não ia para peregrinar, que não iria escutar nada...Mas afinal..." O que é interessante é que ao fim destes anos e de cinco JMJ seguidas, não me lembro de ter sido diferente alguma vez: jovem que foi às Jornadas é jovem que vem transformado. Uns mais que outros.

Há um manancial de palavras do Santo Padre que ainda estamos a assimilar e a acolher progressivamente, particularmente as suas intervenções na Praça Cibeles, na Via-Sacra e em Quatro Vientos, quer na Vigília quer na Missa. Entre elas, ficou muito gravada em mim a que constitui um apelo aos jovens para viverem a sua fé em Igreja, amando-a: "Ter fé é apoiares-te na fé dos teus irmãos, e fazer com que a tua fé sirva

também de apoio para a fé dos outros. Peço-vos, queridos amigos, que ameis a Igreja, que vos gerou na fé, que vos ajudou a conhecer melhor Cristo, que vos fez descobrir a beleza do Seu amor" (Homilia em Quatro Vientos, 21 de Agosto de 2011).

Também da parte dos jovens houve uma palavra, ou melhor, um grito que dificilmente se esquece: "Esta é a juventude do Papa!". Foi assim em vários momentos ao longo da semana, nas ruas e nos lugares dos actos centrais da JMJ. Mas ganhou uma força especial quando foi gritado por milhões de jovens em Quatro Vientos, debaixo daquela tempestade que se abateu sobre nós na Vigília. Pudemos testemunhar assim que o lema da JMJ não era um conjunto de palavras vãs. Com as debilidades de cada um, manifestámos a firmeza da fé; em conjunto e com o Papa (que ficou!) experimentámos como a fé da Igreja nos precede e como é uma graça imensa pertencer-lhe. ●

Padre Carlos Miguel Gonçalves

A graça de ser escolhido

Pedro Nóbrega, 6º ano do Seminário dos Olivais

Falar das Jornadas Mundiais da Juventude é falar de uma das mais fortes e belas experiências de Igreja vivida por mim. Toda a envolvência do acontecimento fez com que aqueles dias em Madrid se tornassem um caminho pessoal com o Senhor, mas também uma clara presença sua no meio da multidão que ali se reunia por Ele.

Sempre tive como horizonte possível a participação num acontecimento tão importante como este, mas nunca pensei que me ajudasse a voar tão alto, a crer mais, a certificar-me da evidência do Amor de Deus pela Humanidade.

O tema "enraizados em Cristo" ganhou muita evidência em determinados acontecimentos daquela "Semana Santa". Ver como o Senhor trabalhou no coração de quantos nos rodeavam emocionou-me muitas vezes e contribuiu para que a minha fé saísse fortalecida.

Todo o percurso feito desde Outubro de 2010 até Agosto de 2011 foi rezado, meditado e preparado para que a abertura ao Senhor em Madrid acontecesse. Para isso foi fundamental a integração no esquema de preparação que o Patriarcado nos ofereceu e que nos convidou a mergulhar no mistério de Deus Pai, Filho e Espírito Santo.

Naquela semana em Madrid, escreveu-se uma bela página na história da Igreja, especialmente naquele encontro de milhares e milhares de pessoas em Cuatro Vientos. Ali mesmo, inesperadamente, deu-se aquele que foi talvez o acontecimento mais emblemático destas JMJ: na Vigília viu-se o lema das JMJ. A ventania e a chuva intensa que nos fustigou, mas não arredámos pé: jovens e Papa, mantivemo-nos firmes. Sobretudo a firmeza do Papa foi para mim um dos testemunhos mais tocantes daquele ambiente. Depois, aquele profundo silêncio ao contemplar o Corpo do Senhor, bem como as palavras ditas por Bento XVI a todos quantos não tinham medo de se apelidar de Juventude do Papa, foram bálsamo para a minha caminhada cristã.

Tive também a graça de ser escolhido entre os seminaristas de língua portuguesa para ler uma prece nas laudes da missa na Catedral. Qual não foi o meu espanto ao ver que aquela prece pedia justamente pelo Sucessor de Pedro!

Também esta frase me marcou e me fez viver alegre e intensamente esta semana: "Nestes dias, ouvireis pessoalmente ressoar a sua Palavra. Deixai que esta Palavra penetre e crie raízes nos vossos corações, e sobre ela edificai a vossa vida. Firmes na fé, sereis um elo na grande cadeia dos fiéis. Não se pode crer sem ser amparado pela fé dos outros, e pela minha fé contribuo também para amparar os outros na fé. A Igreja precisa de vós, e vós precisais da Igreja."

Resta dizer que conto ir ao Rio de Janeiro em 2013 e levar muitos daqueles que se sentiram agraciados por Deus neste grande encontro com Cristo em Madrid. ●

Pedro Nóbrega

Experiências belas de fé

João Santos, 4º ano do Seminário dos Olivais

No passado mês de Agosto participei nas Jornadas Mundiais da Juventude em Madrid. Foi uma viagem que ficará gravada na minha memória. Desde logo pela experiência de comunhão que se estabeleceu entre as pessoas que partilharam o mesmo autocarro de viagem, rumo a Granada, para participar na pré jornada. Não posso esquecer o esforço dos nossos animadores para favorecerem laços de amizade e a integração entre todos, esforço que encontrou eco na vontade de todos os presentes naquele autocarro quererem partilhar os próprios dons para a edificação da Igreja. Ficámos muito agradavelmente surpreendidos pelo acolhimento que as Escravas da Imaculada Niña nos fizeram no seu colégio. Sempre que regressávamos ao colégio éramos acolhidos com alegria, dedicação e atenção, manifestados quer na preparação do espaço e das refeições, quer no testemunho do seu carisma pessoal.

Outro ponto marca a minha estadia em Granada. Ainda guardo a memória da chegada dos peregrinos de todos os cantos do mundo àquele espaço, para participar na aventura das Jornadas, para afirmar a universalidade da Igreja, para proclamar a mesma fé no Senhor Jesus. Foram estas mesmas pessoas que, acolhidas pelo arcebispo de

Granada, se juntaram na Praça de Touros para receberem o convite a viver e a testemunhar a fé em todas as nações, mesmo naquelas em que se sabe que não existe muita liberdade religiosa. Foi belo ver a alegria dos cristãos dessas terras e a esperança que nos transmitiram. O arcebispo de Granada dizia-nos na homília da missa de envio: "Quando encontrares amor, sabes que Deus está aí. Não tens de fazer o que eles [os apóstolos, os santos...] fizeram, mas de viver como eles viveram".

Em Madrid a experiência de comunidade alarga-se. Deixamos de ser 44 num espaço comum para passarmos a ser 600 distribuídos em três pavilhões do Instituto de Virgen de la Paloma; deixamos de ser só todos os que estávamos em Granada e passamos a ser um milhão e meio de todas as nações. Todos para nos encontrarmos com o Sucessor de Pedro, o Papa Bento XVI. Foi bonito constatar que quando pomos os olhos em Deus as contrariedades perdem força. Foi belo ver a inter-ajuda apesar do cansaço, o apelo à oração e partilha do dia no regresso a casa, laços de amizade a crescerem fundados na Rocha firme, encontrar amigos que não se vêem há algum tempo e conhecer pessoas novas. Surpreenderam os actos de bondade feitos gratuitamente. Lembro com um sorriso as brincadeiras e as músicas que se cantaram e a água que a todos refrescou na praça de Cibeles quando esperávamos o Papa.

Guardo também no meu coração frases das catequeses dos nossos bispos. Por exemplo, a resposta do senhor D. Manuel Clemente à interrogação de um jovem sobre como fazer a evangelização: "basta começar; se vivermos em Cristo nós saberemos como". Momento marcante foi igualmente o encontro dos portugueses participantes nas Jornadas com os nossos bispos, as palavras do senhor Patriarca de Lisboa, e a confiança de todos numa Igreja portuguesa renovada.

Tive a graça de estar com o Papa num encontro com os seminaristas na catedral de Santa Maria a real de Almudena. Recordo a sua exortação à santidade, assim como o anúncio da futura proclamação de São João de Ávila como doutor da Igreja. Aquele homem que foi marcante na conversão do português São João de Deus é convidado a ser exemplo e intercessor para todos os que se sentem chamados ao sacerdócio. Vivo-o, pois, como português e seminarista.

Por fim, recordo a experiência da vigília e missa final. Partimos da catedral ao encontro dos peregrinos que já estavam em Cuatro Vientos, caminhando sob o calor, partilhando a animação e vivendo a aventura de encontrar o grupo de origem no meio da multidão. Vivi-a com paciência e confiança. Quer a vigília, quer a missa de encerramento foram experiências belas de fé, alegria, amizade, camaradagem, música e cor. Suportámos a chuva e o vento, e esse contratempo fortaleceu a amizade que nos unia. Dou graças a Deus pelas palavras do Santo Padre a convidar os jovens a viver a fé, mesmo que seja difícil, pois nela acolhemos a Verdade que liberta.

Em suma, foram dias que fisicamente me desgastaram, mas em que cresci como cristão. Dizia-nos um sacerdote ao iniciarmos as Jornadas que elas seriam, em boa parte, aquilo que tivéssemos preparado. Foi realmente assim, mas o Senhor surpreendeu-nos. Ele sempre ultrapassa as nossas expectativas quando nos dispomos a acolhê-l'O e a enraizar n'Ele a nossa vida. ●

João Santos

De etapa em etapa

José Vicente, 4º ano do Seminário dos Olivais

Na sua mensagem aos jovens madeirenses, D. António Carrilho disse-nos que partir significava, muitas vezes, abrir-se ao inesperado duma aventura! As Jornadas Mundiais da Juventude de Madrid foram para mim uma aventura e uma descoberta de novos horizontes. Assim, decidido a abrir de par em par o meu coração àquilo que Deus tinha reservado para mim e com a ousadia de pensar que Jesus Cristo tinha algo muito especial a dizer-me, em espírito de Igreja, comecei a peregrinação com uma centena de jovens da Diocese do Funchal.

Passámos por Fátima, a caminho de Braga, onde nos juntámos na Sé com os nossos irmãos minhotos para a celebração de envio, presidida pelo Arcebispo D. Jorge Ortiga. Este, por sua vez, desafiou-nos a encarar as Jornadas numa atitude interior de verdadeira peregrinação, já que o momento que iríamos viver seria não só uma experiência inédita de fé como também nos conduziria a acolher o dom que vem do Alto e a comprometer-nos com Cristo, com a Igreja e com a sociedade, pois *quando somos de Cristo, sentimo-nos Igreja em missão na sociedade.*

Quando passava pelas terras de Ávila e de Segóvia, lembrando-me de Santa Teresa e de São João da Cruz, Deus ia-me ambientando à

realidade da Igreja em Espanha, tão rica em testemunhos de santidade. Ficámos em um lugar chamado Fuenterebollo, no município de Cantalejo. Nessa povoação fomos acolhidos com grande afecto e em jubilosa festa. A fraternidade vivida ali pareceu-me tão autêntica que eu me sentia perfeitamente integrado na família que me acolheu. Assim, nesse espírito fraterno, deixei as pré-jornadas e continuei a minha jornada rumo a Madrid.

Já em Madrid, no dia da chegada de Bento XVI, reunimo-nos com os bispos portugueses na Arena Madrid onde o Cardeal-Patriarca de Lisboa, D. José Policarpo, apelou aos jovens presentes a viverem o *Cristianismo como uma experiência de amor* e não como uma simples ética ou ideologia. De facto, mais que um arsenal de respostas para todas as perguntas, precisamos de ter com Jesus uma relação maravilhosa de amor, aprendendo d'Ele a amar os outros de uma maneira nova. Precisamos certamente, sobretudo em determinados momentos, como partilhou connosco D. José Policarpo acerca de um pequeno episódio do seu próprio caminho de discernimento vocacional, de desabafar com Ele dizendo: 'Mostra o que vales!'. Pois, como disse o Cardeal-Patriarca, é no encontro com Jesus Cristo que compreenderemos o seguinte: *'Tu não vais renunciar ao amor, vais aprender a amar de uma maneira nova'.*

Fomos de seguida para Cuatro Vientos. Sol escaldante, desencontros, incomodidades, fome, intempérie! Mas de uma só coisa estava convencido: toda a minha jornada até ali não era inútil.

Escutando o Santo Padre, compreendi com muita clareza que a Igreja precisa de mim e que eu preciso da Igreja. Um coerente testemunho de vida cristã diante dos outros só é possível se estiver enraizado e edificado em Cristo e firme na fé. Sem isso, como caminhar

contra a *contra-corrente no meio duma sociedade onde impera a cultura relativista que renuncia a buscar e a possuir a verdade?*

Concluindo, percebi que o Senhor me conduziu misteriosamente, de etapa em etapa, a fim de me configurar com Ele para amar e servir a Sua Igreja e fazer de mim um verdadeiro cristão, apóstolo de outros jovens, neste mundo que, *sem dúvida, precisa de Deus.* ●

José Vicente

PELAS NOSSAS DIOCESES

Diocese de Aveiro

Padre João Paulo Henriques

O dia de Pentecostes marcou não só o fim da terceira etapa do Plano Pastoral da Diocese de Aveiro como o início da quarta etapa, rumo ao Jubileu dos 75 anos da restauração da diocese. Sob o lema "Igreja diocesana renovada na caridade é esperança no mundo" o quinquénio pastoral [2008|2013] pretende renovar as estruturas diocesanas, consciencializar cada batizado da sua responsabilidade na construção da Igreja, propor modelos de formação cristã capazes de responder às necessidades do nosso tempo para que a Igreja de Aveiro possa ser, de facto, farol de esperança.

O trabalho desenvolvido ao longo da terceira etapa "A igreja orante, lugar de esperança", para além das inúmeras iniciativas paroquiais, resultou no Plano Diocesano de Pastoral Litúrgica, ainda em discussão, a ser apresentado em definitivo no próximo dia 8 de dezembro .

Entretanto, desde o Pentecostes, toda a Diocese vai procurando centrar a sua atenção na família e nos desafios que hodiernamente se lhe apresentam. Até à Festa das Famílias, no fim de maio do próximo ano, o lema será "Igreja diocesana, fraternidade de famílias, confirma a esperança".

Também no Seminário outras etapas se vencem! A conclusão do 12º ano é uma etapa que obriga a escolhas amadurecidas na fé, em comunidade de seminário, ao longo de anos. Dos quatro seminaristas que tendo feito parte da Comunidade do Seminário de Santa Joana Princesa terminaram o 12º ano dois decidiram avançar para o Ano Propedêutico, no Seminário de São José de Caparide (o Jorge e o Pedro) e dois decidiram prosseguir estudos na Universidade (o Gabriel e o Rúben). E com a mesma alegria que vimos estes partir, na persecução do cumprimento do projeto de Deus para as suas vidas, recebemos o Afonso, o Daniel Maia, o José Carlos, o Leandro e o João que se juntam à restante comunidade do Seminário menor e têm o privilégio de celebrar o sexagésimo aniversário deste Seminário de Santa Joana (casa), no dia 16 de Novembro. A este propósito faz todo o sentido referir que a instituição do Seminário de Aveiro foi a primeira decisão pastoral do Senhor D. João Evangelista de Lima Vidal, logo após a restauração da Diocese. No ano letivo imediatamente a seguir (1939/40), ainda em casas arrendadas e adaptadas para o efeito junto ao parque da cidade e ao antigo Carmelo de S. João Evangelista, começou a funcionar o Seminário de Aveiro. Os Seminaristas Maiores, até então no Porto, Viseu e Coimbra, foram enviados para o Seminário dos Olivais, no Patriarcado de Lisboa. Doze anos depois, a 16 de Novembro de 1951, foi inaugurado o novo e belíssimo edifício de Seminário de Santa Joana Princesa.

Para assinalar a data foi preparada uma exposição de sete fotografias a preto-e-branco do Seminário em construção, todas da autoria do fotógrafo aveirense J. Fonseca. Estas fotografias foram expostas no Claustro Maior, juntamente com outras recordações destes sessenta anos, no início da semana de oração pelos seminários.

Contíguo ao Seminário vai crescendo a bom ritmo a Casa Sacerdotal. No espaço de antigo recreio e campo de jogos ergue-se agora esta obra cuja falta há muito se faz sentir. A mudança social e eclesial exige respostas novas de apoio ao padres idosos e doentes bem como àqueles que os acompanharam e serviram ao logo da vida. Um objetivo simples. Este sinal de cuidado e carinho, iniciativa primeira do Senhor Bispo, colheu de imediato o apoio de toda a diocese que muito se tem empenhado nesta obra.

Padre João Paulo Henriques

O autor usou a nova ortografia

Diocese do Funchal

Padre Héctor Figueira

FUNCHAL, DIOCESE GLOBAL HÁ MEIO MILÉNIO

A MEMÓRIA

«O mais dilatado território que sabemos tivesse bispado algum foi o que assinou a diocese do Funchal, se a devemos considerar no seu princípio [...]. Quando no ano de 1514 se lhe deu o título de bispado, aderente à dignidade de vigário de Tomar, compreendiam os limites da sua jurisdição todas as terras até então descobertas ou conquistadas, pertencentes à ordem militar de Cristo pelas doações do infante D. Henrique e pelas de el-rei D. Duarte, a sua instância», narra Henrique Henriques de Noronha, em 1722, nas suas «Memórias seculares e eclesiásticas para a composição da história da diocese do Funchal na ilha da Madeira, antigamente primaz de todas as conquistas, distribuídas na forma de sistema da Academia Real da História Portuguesa» (pp. 51-52).

Começámos este texto com a citação dum camaralobense, vivido entre 1667 e 1730, casado na Sé do Funchal, provedor da confraria da

Misericórdia local, estando sepultado na capela-mor da igreja o Colégio dos Jesuítas daquela cidade. Destacou-se pelo estudo das ciências sagradas e como académico provincial do projeto «Lusitânia sacra», a história eclesiástica pretendida por D. João V, de que fariam parte as «Memórias» supracitadas.

À data da criação da diocese funchalense, mantendo a autoridade sobre toda a Ordem de Cristo, em Tomar e Santarém, no Velho Continente, Ceuta, Tetuão, Valdânger e Alcácer, em África, D. Diogo Pinheiro viu-a estendida aos territórios do seu novo bispado do Funchal. Este tocava, segundo o elenco do nosso historiador seiscentista, além das ilhas da Madeira, do Porto Santo e das Desertas, os arquipélagos dos Açores, Cabo Verde e São Tomé, o Congo, Angola, o Brasil, toda a costa de África, a Guiné, com o castelo de Argu-im e de São Jorge da Mina, e a Índia, que incluía territórios até à China.

A COMEMORAÇÃO

As comemorações dos quinhentos anos da diocese do Funchal não se cingem ao período de maior extensão, que medeia entre o pedido da sua criação pelo rei D. Manuel I, em 12 de junho 1514 (aceite pela bula «Pro excellentipraeeminentia») e o seu desmembramento, pela elevação a arquidiocese, em 1533 (só atestada por «Cédula consistória» de 31 de janeiro), pelos Papas Leão X e Clemente VII, respetivamente.

Tais celebrações não se detêm, além disso, no episcopado de D. Martinho de Portugal, «arcebispo do Funchal, primaz das Índias e de todas as terras novas descobertas e por descobrir» entre 11 de fevereiro de 1533 e 8 de julho 1539, segundo F. A. Silva e C. A. Meneses, no seu

«Elucidário Madeirense» (1946-1998, vol. I, p. 77), ou dois anos antes, segundo Eduardo C. N. Pereira nas suas «Ilhas de Zargo» (1936-1989, 4ª ed., vol. II, p. 426). Estes autores também estão em desacordo quanto às dioceses sufragâneas do Funchal: Angra, Cabo Verde, São Tomé – que se estendia ao Congo e a Angola – e Goa - com toda a Índia, a China, o Japão... segundo os primeiros; apenas S. Tomé e Goa, conforme o último.

A dita memória também não se extingue com o único arcebispo, em 1547, nem com o arcebispado do Funchal, em 1551, pela bula «Superuniversis», de Júlio III, era ainda rei o mesmo D. João III que alcançara do papado o título de arcebispo para D. Martinho de Portugal, pois já não havia o pretexto de favor pessoal pelos serviços prestados por Martinho de Portugal em Roma - concordam F. A. Silva e C. A. Meneses (1998, vol. I, p. 77-78) com Eduardo C. N. Pereira (1989, vol. II, p. 426). A primeira diocese fora do território continental europeu foi dando, sucessivamente, origem a outras, desde o Brasil em 1551, a pedido do ilustre jesuíta madeirense Manuel de Nóbrega, até Arguim, de que se conservou o único templo português em África sobrevivido à demolição decretada pelo Papa Paulo II mas pilhado pelos holandeses em 1638, e, até 1911, o título do bispado, só então «ficando este como era de antes», como escrevera «avant la lettre» Noronha (1722, p.54).

O PROJETO

Igreja em missão – comunidades vivas e apostólicas. Afinal, as comemorações do quinto centenário da criação da diocese do Funchal procuram realizar um projeto pastoral trianual marcado por três dimensões: o «kairos», os critérios e a ação. Tais dimensões estão

presentes em cada um dos três anos. Por «kairos» entenderemos, não apenas a situação atual da diocese e as mudanças em curso, mas as caraterísticas permanentes que distinguem a vivência da fé naquela Igreja particular. Os critérios haurem-se da Escritura e do Magistério.

DEUS PAI ACOLHE E CONGREGA OS SEUS FILHOS COMUNIDADE ALIMENTADA PELA PALAVRA

2011-2012 é dedicado à Pessoa divina do Pai, pois a espiritualidade madeirense herdou do franciscanismo, que «espiritualmente descobriu o arquipélago», no dizer de F. A. Silva e C. A. Meneses (1998, vol. III, pp. 15s). Daí a caraterística reverência Àquele por quem o «poverello» se decidiu: «Doravante quero dizer Pai nosso». O critério que rege este primeiro ano encontra-se na real e íntima ligação da Igreja à história do Homem, que o Vaticano II preconiza (cf. GS 1), e no livro da consolação, tão caro à diáspora, abundantemente escutado na novena e Missa do Parto, entre 16 de 24 de dezembro: «Eu os congregarei dos confins da terra» (Jr 31, 8). Pretende-se uma comunidade alimentada pela Palavra, com o objetivo de edificar a comunidade e potenciar cristãmente coletividades, famílias e indivíduos à luz da Escritura, através de ações de âmbito geral relacionadas com o acolhimento, a Palavra como alimento, a família, enquanto comunidade de vida e de amor, as estruturas de comunhão na paróquia e a valorização e divulgação, em cada comunidade, de histórias de vida que a edifiquem. Haverá ações de âmbito paroquial, ar ciprestal e diocesano. Quanto a este último, a 12 de junho de 2011, abriu-se o triénio celebrativo com a presença do núncio apostólico em Portugal e há de realizar-se a festa diocesana das famílias a 3 de junho deste mesmo ano.

Com o lema "Jesus Cristo caminha connosco e reparte o Pão: comunidade centrada na Eucaris-tia", 2012-2013 centrar-se-á na Pessoa divina do Filho, a Quem são devotadas as confrarias e as festas celebradas, sucessivamente em cada paróquia, após a Solenidade do Corpo e Sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo. Tal devoção valeu ao arquipélago o epíteto de «ilhas do Santíssimo Sacramento».

Finalmente, com o lema "O Espírito Santo cria unidade e envia em missão: comunidade comprometida na missão", 2013-2014 será - segundo esta expressão de D. António Carrilho, a 24 de Novembro de 2010 - especialmente animado pela Pessoa divina do Espírito Santo na Igreja que está nestas «ilhas missionárias», como muitos lhes têm chamado. ●

Padre Héctor Figueira
O autor usou a nova ortografia

Diocese de Leiria-Fátima

Fábio Bernardino

Por Leiria-Fátima, há a destacar alguns acontecimentos que, nos últimos meses, marcaram a Igreja diocesana, a iniciar actualmente um novo Ano Pastoral.

Ainda no mês de Abril, a Diocese teve a alegria de receber a notícia da nomeação, como Bispo de Coimbra, do Padre Virgílio Antunes, de 49 anos, membro do Presbitério diocesano e até então Reitor do Santuário de Fátima. «A sua rica e múltipla experiência pastoral, amadurecida nos diversos cargos que desempenhou, bem como os seus dotes humanos, intelectuais e sacerdotais, são o melhor testemunho de que ele está bem preparado para assumir a responsabilidade pastoral de uma Diocese tão significativa como é a de Coimbra, rica de história e de vitalidade eclesial», referia D. António Marto, numa comunicação à Diocese, por ocasião desta nomeação.

Com o lema episcopal «Anunciamos Cristo crucificado, sabedoria de Deus», D. Virgílio Antunes foi ordenado Bispo na tarde de 3 de Julho, na Igreja da Santíssima Trindade, no Santuário de Fátima. Na sua homilia, D. António Marto, Bispo ordenante principal, reflectiu sobre o Bispo, enquanto servidor da Beleza do Amor que salva: «O Bispo

leva no coração, nos olhos e nos lábios a Beleza de Deus-Amor (...) Caro D. Virgílio, sê bispo contemplativo do mistério da intimidade do Deus Santo. A santidade como participação da vida de Deus e reflexo do Seu amor manifestado no rosto de Cristo é o contributo maior dos cristãos à história e à renovação do mundo. Como bom pastor leva no coração, nos olhos e nos lábios a beleza de Deus, Amor Trinitário, conduz a ela o teu rebanho e tende para ela com todo o empenho da inteligência, do coração e da vida. Homem da contemplação e da escuta, serás homem da Palavra, evangelizador fiel do teu povo para te tornares palavra generosa e fecunda que bate à porta dos corações de quantos te são confiados. Assim serás mestre da fé!»

Nas suas palavras, no final da Ordenação Episcopal, o novo Bispo consagrou-se e ao seu trabalho a Nossa Senhora: "Que eu seja todo teu, ó Mãe de Cristo e Mãe da Humanidade. Que esta pedra azul, pequenina e discreta, que figura nas minhas insígnias, signifique a tua presença materna aos pés da cruz de Cristo e de todas as minhas cruzes". Veio pois a entrar solenemente na Diocese que o Senhor lhe confiou no Domingo seguinte, 10 de Julho.

A 5 de Maio, no final da 177ª Assembleia Plenária da Conferência Episcopal Portuguesa, foi nomeado como novo reitor do Santuário de Fátima, o Padre Carlos Cabecinhas, 40 anos, presbítero da Diocese, desempenhando até então as funções de capelão e director do Serviço de Pastoral Litúrgica, no Santuário.

«A Mensagem de Fátima, que Nossa Senhora aqui revelou aos três Videntes, centra-nos no essencial da fé cristã. Aos muitos peregrinos de Fátima, desejo dizer que continuarão a poder encontrar em Fátima o lugar de oração e de forte experiência de Deus, capaz de dar sentido novo

às suas vidas, de as transfigurar. Aí reside o essencial, pois só do encontro com Deus nascem vidas renovadas em todas as suas dimensões», refere o novo reitor numa entrevista. Nela manifesta também o desejo de desenvolver o seu trabalho numa linha de continuidade, centrada na realização dos vários projectos já em andamento e nas várias iniciativas, que têm como horizonte de acção as celebrações do Centenário das Aparições, em 2017, cuja preparação o Padre Carlos bem conhece.

A tomada de posse ocorreu numa celebração realizada na Igreja da Santíssima Trindade, na manhã do dia 11 de Junho, dia do aniversário natalício do Beato Francisco Marto. Após a mesma, o novo reitor do Santuário de Fátima dirigiu-se à Capelinha das Aparições, onde renovou a sua consagração pessoal a Nossa Senhora de Fátima, realizada pela primeira vez após a sua ordenação sacerdotal. Consagrou também ao Imaculado Coração de Maria os sacerdotes, os funcionários, os voluntários e também os peregrinos do Santuário.

«O Santuário é vosso, e por isso o confio à vossa protecção materna. Abençoai as actividades e os projectos que, em fidelidade à missão deste Santuário, procuraremos realizar. Em tudo o que fizermos, ajudai-nos a ser instrumentos dóceis à vontade de Deus, tal como vós o fostes. Imploro para todos os peregrinos o vosso auxílio e protecção materna, e peço para todos as graças celestes. Que todos os que aqui vos procuram, possam fazer a forte experiência da presença de Deus nas suas vidas», rezou o reitor diante da imagem de Nossa Senhora.

Pelo Seminário Diocesano, há a registar, de 12 a 16 de Julho, o encontro geral de Verão do Pré, intitulado *Em busca da chama da caridade.* No âmbito do Ano Pastoral 2010/2011, dedicado à caridade, foi este o mote destes dias em que, através da oração e de diversas actividades em

grupo, na histórica vila de Porto de Mós, os adolescentes, com o Padre André Batista e alguns seminaristas maiores, puderam descobrir e sentir um pouco mais o amor a que Cristo chama os homens a viver. Marcou-os sobretudo uma caminhada pelas serras de Aire e Candeeiros, em que iam descobrindo alguns ingredientes e utensílios para o almoço que, no fim, eram colocados em comum na refeição. Muito marcante também foi o contacto com os utentes do Lar de Terceira Idade da Paróquia do Reguengo do Fètal. Isto para além de um tempo mais descontraído de partilha e animação, a que o tempo estival muito convidava. Durante este encontro, o grupo participou também, dia 13 de Julho à tarde, na Missa do aniversário da Dedicação da Sé de Leiria, com o Sr. Bispo e na qual foram instituídos leitores os seminaristas Fábio Bernardino e Miguel Alves.

Também o Seminário Maior teve, de 25 a 30 de Julho, o seu merecido tempo de descanso e convívio, na companhia do reitor, o padre Manuel Armindo Janeiro. Estiveram, como de costume, no Algarve, tendo sido muito bem recebidos, mais uma vez, pela comunidade do Carmelo do Patacão (Faro), com a qual, além da missa diária, partilharam um agradável serão, em que os nove seminaristas transmitiram às irmãs os seus testemunhos vocacionais. Foi também ocasião de, através de um sorteio, cada um receber uma madrinha espiritual, uma irmã que sempre ora diante do Senhor pela vocação sacerdotal, particularmente, daquele por quem se dispõe a rezar.

Finalmente, no início de mais um Ano Pastoral, importa focar a Assembleia Diocesana, decorrida no Seminário Diocesano de Leiria, dia 2 de Outubro, Domingo, à tarde. Cerca de 400 pessoas responderam ao convite do Bispo para este momento. Leigos, religiosos e padres, vindos um pouco de toda a Diocese, quiseram assim dar um sinal de comunhão

neste "arranque oficial" do novo ano, pautado pelo tema *Testemunhas de Cristo no Mundo* e iluminado pelo convite do próprio Jesus: «Brilhe a vossa luz diante dos homens» (Mt 5, 16).

Depois de uma conferência dada pelo Sr. Doutor Acácio Catarino, com o tema *Inserção dos cristãos na sociedade de hoje*, o Sr. Bispo, D. António Marto, apresentou a carta pastoral que serve de documento orientador para este ano, intitulada também *Testemunhas de Cristo no Mundo.* O prelado pediu uma «Igreja aberta ao mundo e não fechada sobre si mesma», de acordo com o principal objectivo pastoral que se propõe, de «testemunhar a caridade de Cristo através das obras de justiça, de promoção do desenvolvimento humano e de paz, ao serviço da dignidade da pessoa numa sociedade justa e fraterna». O trabalho proposto às comunidades incidirá «numa maior consciência da missão dos cristãos no mundo, no fomento de uma espiritualidade e formação para esse compromisso e na promoçãc do apostolado laical nos níveis pessoal, familiar e social», especificou.

A Assembleia terminou com uma Missa na Igreja do Seminário, na qual o Bispo voltou a pedir o empenho dos diocesanos. À imagem da vinha que Deus cuida com amor, referida nas leituras desse Domingo, «Ele espera de nós correspondência e fidelidade a esse amor», no trabalho que fazemos, em Igreja e no meio do mundo em que vivemos. «Deus espera testemunhas vivas, alegres e confiantes do seu amor por este mundo, um amor que tem capacidade para transformar o mundo, um amor louco que nos enviou o Seu Filho, um amor mais forte do que o pecado da nossa infidelidade», lembrou D. António. E terminou com o apelo: «Que sejamos firmes testemunhas da missão que o Senhor nos confia»!●

Fábio Bernardino

Diocese de Mindelo

Evanildo Reis

O SENHOR FEZ MARAVILHAS NA NOSSA DIOCESE

A nomeação e ordenação do nosso bispo marcou o ano pastoral. Toda a actividade girou em torno da sua entrada na diocese e da participação do presbitério e do povo na ordenação em Lisboa.

Também o ano pastoral ficou marcado pela instituição de leitor de quatro seminaristas da nossa diocese. Dez candidatos a diáconos permanentes foram instituídos leitores, uma cerimónia realizada pela primeira vez na diocese, concretamente na ilha de S. Vicente.

A catequese infantil funciona relativamente bem. Temos cada vez mais crianças desde o 1º ano até aos adolescentes que se preparam para o crisma), mas há dificuldade em encontrar lugar para os reunir.

Nas Jornadas Mundiais da Juventude em Madrid participaram seis jovens e o nosso bispo, D. Ildo. Esses jovens estão agora a passar o testemunho daquilo que viveram, para que muitos mais venham a participar na próxima JMJ a realizar no Brasil.

Não podemos deixar de referir que a ordenação de D. Teodoro Tavares, bispo auxiliar de Belém dc Pará, no Brasil, também nos marcou. Alegra-nos ver como o Senhor, no mesmo ano, escolhe dois cabo-verdianos para o ministério episcopal.

Neste ano também um bom número de jovens (uns 1154) receberão o Sacramento do Crisma das mãos do novo bispo.

Em relação a obras: a pro-catedral, ou seja, a igreja paroquial de Nossa Senhora da Luz na ilha de S. Vicente, está a ser ampliada. Na paróquia de S. Vicente foi iniciada a construção do centro paroquial. Devido a enorme carência financeira, as obras estiveram paradas durante algum tempo, mas já recomeçaram.

O ponto alto do próximo ano pastoral vai ser a ordenação de dez candidatos ao diaconado permanente. Será a primeira vez na Diocese do Mindelo. Também está prevista a instituição de acólitos de quatro seminaristas.

Para o próximo ano pastoral, o nosso bispo escolheu como lema: «A Igreja em Cabo Verde aposta na Evangelização». Na sua carta pastoral o nosso bispo escolhe como tema uma frase do Papa Bento XVI: «É impossível encontrar Cristo, e não o dar a conhecer aos outros» (Bento XVI, Homilia da Missa de encerramento da JMJ – 21 de Agosto de 2011). As ilhas que fazem parte da nossa diocese (Santo Antão, S. Vicente, Santa Luzia, S. Nicolau, Sal e Boavista), "terras áridas, sequiosas, sem água", também têm uma enorme sede de Deus. É preciso evangelizar!●

Evanildo dos Reis

Diocese de Santiago

Francisco Sanches

Na última reunião com o clero, em Agosto, D. Arlindo definiu os três principais eixos para a pastoral, na Diocese de Santiago de Cabo Verde, nos próximos anos:

1º Revitalização da iniciação cristã e educação para a santidade (para todos). A Igreja de Cabo Verde quer dar um novo dinamismo às famílias, propondo-lhes valores cristãos; evangelizando-as, para que sejam elas também a parte integradora neste processo de evangelização. Para ajudá-la a tornar-se mais consciente da sua actividade missionária, a Diocese assume o lema para este ano pastoral: 'A Igreja em Cabo Verde: Uma Aposta na (Nova) Evangelização', lema esse que irá impelir e interpelar os agentes da pastoral a fazerem-se ao largo, a darem de si para a construção do Reino de Deus.

2º Educação para o Amor (Família e Juventude). A Igreja está consciente da crise que há no seio das famílias cabo-verdianas, e quer desempenhar o seu papel de educadora, de mestra e de mãe junto delas, propondo-lhes sempre os valores da fé e da vivência em Cristo. Relativamente a essa questão, disse o nosso bispo: "*A prioridade das prioridades é trabalhar as famílias. A família já existente quer no sacramento*

de matrimónio, quer em situação de união de facto, quer em situação de vínculo civil, já é uma família natural, mas precisa ser uma família com a bênção de Deus para também receber a graça para cumprir a sua missão que não é fácil. Qualquer compromisso hoje tem desafios e exige muito dos intervenientes. Quando estamos sozinhos somos mais fragilizados e quando estamos com a comunidade cristã e com Deus, naturalmente que somos mais fortes, mais preparados para cumprir a missão".

3º Catequese como um caminho de vida à luz da fé (juventude, crianças e adolescentes). Sabe-se que em Cabo Verde, a camada juvenil constitui um grande sector da sociedade. É urgente uma pastoral juvenil verdadeiramente evangelizadora que ajude os jovens a viverem a fé e a formarem famílias autenticamente cristãs.

Na Ilha do Fogo, no dia 15 de Agosto, os padres Capuchinhos entregaram a paróquia de Nossa Senhora da Ajuda, onde trabalharam durante vários anos, aos padres diocesanos. A Eucaristia foi presidida pelo Superior dos Capuchinhos em Cabo Verde.

A juventude da Diocese de Santiago esteve presente na edição Internacional das Jornadas Mundiais de Juventude em Madrid. Antes das jornadas, cerca de 80 jovens, acompanhados por três padres, e a caminho de Madrid, encontraram-se em Fátima com o Sr. Bispo D. Arlindo, ali presente para presidir à Peregrinação dos Migrantes e Refugiados, a convite da Comissão Episcopal de Mobilidade Humana.

Foi positivo o balanço da presença cabo-verdiana nas JMJ. Foi uma experiência muito enriquecedora de fé, de intercâmbios com outros grupos de vários países que se foram cruzando. Os jovens sentiram-se em Igreja e ficaram muito felizes por terem respondido ao

apelo do Santo Padre. Além dos padres, fizeram caravana com eles os três seminaristas da Diocese que frequentam o Seminário dos Olivais e o Seminário de Coimbra.

No dia 9 de Outubro, a Igreja matriz da Praia, acolheu o seu pastor D. Arlindo, que presidiu a um tempo de Adoração do Santíssimo. Nesta celebração, o Sr. Bispo apresentou a mensagem do Papa para o 85º Dia Mundial Missionário deste ano, cujo tema é: "Assim como o Pai me enviou, também Eu vos envio a vós" (Jo 20, 21). O prelado diocesano exortou os cristãos a deixarem-se configurar com Cristo Pastor e a serem autênticos missionários. E aos párocos, pediu-lhes que criassem nas comunidades mais momentos de Adoração do Santíssimo Sacramento.

Para assinalar o dia Mundial das Missões, o Secretariado das Vocações da Diocese fez um desafio aos jovens das paróquias da Praia para celebrarem juntos, no dia 30 de Outubro, no salão paroquial de Nossa Senhora da Graça, uma tarde vocacional missionária dedicada às missões. Apareceram em grande número. Também o Seminário Menor de São José, na Praia, juntamente com alguns grupos paroquiais e Institutos Religiosos, viveram o Mês Missionário em torno da Mensagem do Santo Padre para as Missões.

São 10 os seminaristas que frequentam o Seminário Menor de São José na cidade da Praia, sendo um da Diocese de Mindelo. O Senhor D. Arlindo presidiu à abertura do ano com uma celebração da Eucaristia. Os 11 seminaristas maiores estão distribuídos pelo Seminário dos Olivais (um), Caparide (cinco), Coimbra (quatro) e Évora (um).

Este ano foram quatro os seminaristas que terminaram a sua formação teológica nos seminários portugueses. Todos eles já têm nomeação. O António Furtado vai fazer o seu estágio pastoral na ilha do Fogo, ajudando numa das paróquias. Vai também leccionar Filosofia numa escola privada da paróquia. O Samoel Costa ficará no Seminário Menor de São José, na Praia, acumulando também outras funções, e ajuda o Sr. Bispo na paróquia de São Filipe, Apóstolo. Os outros dois que foram alunos de Coimbra, o Joaquim, vai para o Tarrafal (S. Amaro Abade) e o Edson para os Picos (S. Salvador do Mundo).●

Francisco Sanches

Diocese de Santarém

Miguel Ferreira

"ONDE MORAS? VINDE E VEDE!"

Penso que se pode dizer que o Verão na Diocese de Santarém foi relativamente calmo, pontuado apenas por algumas festas e pelas actividades pastorais que passamos a referir.

Em 16 de Julho celebrou-se em Santarém o aniversário da criação da nossa Diocese. Foi há 36 anos que o Papa Paulo VI, a 16 de Julho de 1975, pela Bula Apostólica *Apostolicae Sedis Consuetudinem*, criou a Diocese de Santarém. Neste dia celebrou-se ainda o aniversário da dedicação da Igreja Catedral.

Um mês depois, um grupo de 106 jovens diocesanos de Santarém organizados pelo Secretariado Diocesano da Pastoral Juvenil partiu para a Jornada Mundial da Juventude em Madrid, para aí, através do encontro com Santo Padre Bento XVI, se encontrar com Jesus e fazer uma experiência de Igreja. A semana em Madrid foi cheia de peripécias. A peculiaridade de, já perto do fim da peregrinação, termos sido "atacados" e roubados, ajudou a consolidar a união do grupo pois «Deus

coopera em tudo para o bem daqueles que O amam» (Rm8, 28). No entanto, o que realmente ficou das JMJ e é importante para os jovens de Santarém foi a experiência de Igreja Diocesana Universal que fizemos através deste grande encontro com Deus. De facto, foi extraordinária a chegada do Papa Bento XVI a Madrid com mais de um milhão de jovens à sua espera, transbordando de alegria pelo Vigário de Jesus na Terra vir até eles sorrindo e chamando-os a seguir Jesus. A mim, pessoalmente, pareceu-me sentir e viver aquilo mesmo que viveram e sentiram aqueles que se encontravam com Jesus nas terras de Israel há dois mil anos. A assembleia multitudinária de jovens em "*Quatro Vientos*" não deixará de perdurar na nossa memória. Era como se estivéssemos à volta de Jesus escutando o Sermão das Bem-Aventuranças, e aprendendo a ser discípulos de Jesus

Entre as várias propostas que havia para os jovens das JMJ, houve duas que marcaram muitos jovens da nossa Diocese. A exposição sobre a pessoa e vida da Beata Madre Teresa de Calcutá, que nos fez ver o que é doar a vida aos irmãos e irmãs por amor de Jesus. E, quem sabe, plantou esse desejo em alguns jovens... Outro momento marcante para os jovens da nossa Diocese foi o encontro com os Bispos Portugueses presentes na JMJ no Madrid Arena. Desde a catequese/testemunho transmitido pelo Cardeal-Patriarca Dom José Policarpo à Eucaristia celebrada com os jovens católicos portugueses. Aquele grande número de jovens vestidos de verde fez-nos ver a todos, que a Igreja Católica está bem viva e cheia de jovens em Portugal, e que, quem diz que o cristianismo e a Igreja católica é algo do passado, está redondamente enganado. De facto, após as JMJ, vários jovens faziam eco das palavras do Senhor Patriarca: «*Quando digo eu acredito em Ti Senhor, estou a dizer eu*

amo-te». Sinal que os jovens da Diocese de Santarém, que estiveram em Madrid nas Jornadas Mundiais da Juventude, também querem, pela sua fé, dizer em cada dia que amam o Senhor Jesus. Por fim, participaram nas JMJ com o SDPJ e os jovens da nossa diocese 4 seminaristas da Diocese e um pré-seminarista, acompanhando alguns grupos e procurando ser testemunhas da maravilha que é seguir Jesus e entregar a vida à Sua Igreja.

Em Setembro, na semana que antecedia a entrada nos Seminários, os seminaristas da nossa Diocese encontram-se no antigo Seminário de Santarém para passarem três dias juntos. Éramos 10: Edvaldo Ramon do 6º ano, Bruno Domingues, Miguel Ângelo e Paulo Marques do 5º ano, Cláudio Rodrigues do 4º ano, João Ganhão e Luís Caetano do 3º ano, faltando apenas o Paulo que já estava no 11º ano no Seminário Menor de Penafirme. Estavam também os que entraram este ano para o Seminário: Ruben Figueiredo para o 1º ano e Gustavo Pimentel e João Ramalho para o Ano Propedêutico. Estes dias de encontro e oração possibilitaram que nos conhecêssemos melhor, que partilhássemos as nossas férias e ajudaram-nos a crescer na comunhão fraterna.

No primeiro dia o nosso Bispo, Dom Manuel Pelino, conversou connosco sobre o tema do presente ano pastoral e sobre o "tipo de padre" que a nossa diocese necessita. No segundo dia fomos visitar a Casa Mãe das Servas de Nossa Fátima e conhecer um pouco da vida da sua fundadora, a Madre Luíza Andaluz. Foi para nós uma rica experiência conhecer uma comunidade de religiosas que servem concretamente a Igreja na oração pelos sacerdotes e seminaristas. Nessa noite encontramo-nos com um grupo de quatro padres da nossa diocese (Pe Diogo, Pe Diamantino, Pe Francisco Ruivo, Pe Ricardo Madeira)

e com o Pe Hilário, de Moçambique, que trabalha na nossa Diocese. Falaram-nos um pouco das suas vidas de padres e de como é ser padre na Diocese de Santarém. O terceiro dia ficou marcado pela celebração da Eucaristia na Capela Episcopal, com o nosso Bispo.

Estes três dias foram importantes no meu caminho de seguimento de Jesus, porque visualizaram o Seminário da Diocese de Santarém, disperso, durante o ano lectivo, por diversos seminários fora da Diocese. Rezámos juntos, convivemos, estivemos com o nosso Bispo e com alguns padres da nossa Diocese, sentimo-nos na nossa casa. De referir ainda que, nestes dias, fomos acompanhados pelo Padre Joaquim Ganhão, responsável pelos seminaristas da nossa Diocese, e elo de ligação entre o Senhor Bispo e os Seminários que acolhem os seminaristas da diocese de Santarém.

No dia 4 de Outubro, na Cidade de Santarém, pelas 19 horas, fez-se a memória de São Francisco de Assis celebrando a Eucaristia junto à porta do convento, recuperado há alguns anos. Na ocasião foi benzida uma estátua de São Francisco colocada em frente do velho cenóbio. Foi como se São Francisco voltasse para umas das suas primeiras casas em Portugal.

No dia 5 de Outubro, no mesmo Convento de São Francisco, realizou-se a Assembleia Diocesana. Marcaram presença o seu Bispo, o Senhor Dom Manuel Pelino, os padres da diocese, os religiosos e religiosas, os leigos representantes dos serviços de cada paróquia, os seminaristas, os noviços combonianos, etc. Na assembleia, escutámos a palavra do nosso Bispo, nomeadamente a sua proposta para o ano pastoral corrente. Assim, escutamos o senhor bispo falar sobre a Carta Pastoral para este ano, que tem como título: "*Onde Moras? Vinde e Vede!*".

Na assembleia também foram apresentados os projectos dos vários secretariados e serviços diocesanos. Foi apresentado pelo Pe Arlindo o projecto diocesano da *Lectio Divina*, este ano a partir da leitura orante do Livro do Apocalipse. O Pe Francisco Ruivo apresentou o projecto da Escola de Teologia e Ministérios, que continuará a funcionar no Entroncamento e em Santarém, que pretende oferecer um aprofundamento da fé cristã e da sua razoabilidade, de modo a dispor os cristãos da nossa diocese para melhor anunciarem o Evangelho de Jesus Cristo. O Pe Ricardo Conceição falou sobre o projecto deste ano para a pastoral juvenil e a pastoral vocacional. Na pastoral juvenil continuar-se-ão a realizar retiros para jovens que se estejam a preparar para o crisma, sobretudo no Advento e na Quaresma, e de um retiro para jovens com mais de vinte anos. Entre as propostas de primeiro anúncio para jovens estão marcados dois convívios fraternos na diocese. Irá continuar-se o projecto FE4MISSION, que visa formar e ajudar os jovens na maturação da fé cristã através de formação teológica e pela realização de uma semana de missão numa paróquia da diocese. Este ano irá realizar-se também o encontro diocesano da juventude, e aprofundar a experiência das JMJ. A Pastoral Vocacional irá realizar encontros vocacionais para rapazes e raparigas, e continuar com o Grupo de São Francisco de Sales. Irá realizar-se também uma assembleia vocacional, por ocasião da Ordenação Diaconal. O Secretariado Diocesano de Liturgia e Música Sacra, continuará a trabalhar na formação e actualização dos Leitores e Ministros Extraordinários para a distribuição Sagrada Comunhão. Retomar-se-á o Serviço Diocesano de Acólitos e realizar-se-á o Encontro Diocesano de Acólitos no dia 1 de Dezembro, em Santarém, e as Jornadas Vicariais de Acólitos ao longo do Ano Pastoral.

O acontecimento que marcará a Diocese de Santarém já no início deste ano pastoral será a celebração dos 300 anos da edificação da Igreja Catedral da Diocese. De facto, foi concluída em 1711. Esta efeméride proporciona-nos olhar a história deste edifício que há 300 anos serve o culto divino. A comemoração dos 300 anos da edificação da Sé será ao longo de todo o ano, iniciando-se no dia 12 de Novembro com um ciclo de várias conferências sobre a sua história e arte. Realizar-se-ão, de Janeiro a Maio, cinco visitas guiadas temáticas à nossa Catedral.●

Miguel Ângelo Ferreira

Crónica da vida do Seminário

Duarte Andrade e Sousa

Retomamos a nossa crónica precisamente onde ficámos no último número: o início do terceiro trimestre de aulas. Em pleno Jubileu dos 50 anos da ordenação sacerdotal do Senhor Patriarca, fomos no dia 10 de Maio ao lançamento do livro "Atraídos pelo Infinito", na Universidade Católica, que reúne testemunhos sobre o pensamento e vida do nosso Bispo. No comentário que D. José fez nesta ocasião, marcou-nos esta frase: "Cinquenta anos é um tempo curto demais para nos tirar a esperança e eu sinto que nós, Igreja, somos portadores de um tesouro indispensável para o futuro da humanidade".

Três dias depois muitos seminaristas dos Olivais marcaram presença na tradicional peregrinação aniversária em Fátima, este ano sob a invocação da Beatificação do Papa João Paulo II, decorrida no início deste mês. Um momento que deu que falar foi o prontamente apelidado de novo "milagre do sol": um raro fenómeno científico que produziu durante uma hora um halo à volta do sol, mesmo no momento em que, no final da Missa, se passou um documentário evocativo da vida do Beato João Paulo II. Para quem tem fé, estes pequenos sinais são vistos também como dom de Deus.

Um grande acontecimento para a nossa Diocese foi a beatificação da Madre Clara, no dia 21 de Maio, no Estádio do Restelo. Sobre ela já

escrevemos no último número da nossa revista, restando-nos apenas referir a beleza da celebração que contou com a presença do Cardeal Angelo Amato e de muitos milhares de fiéis.

25 de Maio foi o Dia da Faculdade de Teologia. Nesse âmbito, uma comissão organizou e estruturou um plano que nos permitiu viver um dia muito animado e repleto de actividades. Depois da competição desportiva, durante a tarde, seguiu-se a celebração da Missa, que contou com a presença de muitos professores, e um jantar no exterior. Depois ainda pudemos ouvir um pequeno concerto musical, uma peça de teatro e ainda um momento musical muito animado, que juntou professores e alunos. Foi um dia em grande que mostrou o espírito da nossa Faculdade e que todos esperamos que se venha a repetir!

Mas o mês de Maio ainda não tinha acabado! Na sexta-feira, dia 27, tivemos a habitual Festa de Finalistas, ocasião para mostrarmos aos nossos colegas que estão de partida como a sua presença foi importante para todos os que nos cruzamos com eles. A organização esteve a cargo do Curso de São Bruno, que preparou um belo manjar e uma divertida peça de teatro e apresentação de vídeos e fotografias de cada um dos finalistas. Um sucesso! No dia seguinte, embora um tanto ensonados devido à festa do dia anterior, rumámos para Setúbal em passeio de Seminário. Como momento alto destacamos a celebração da Missa na Igreja de Nossa Senhora do Cabo Espichel.

No dia 31, acabámos o mês de Maio com a oração cantada do Akathistos, por ser dia de Nossa Senhora. Foi um comovente momento de oração, cantado de pé, em honra da Mãe de Deus.

No dia de Pentecostes, 12 de Junho, fomos à Missa à Sé, presidida pelo Senhor Patriarca, que crismou largas dezenas de jovens universitários. Nesse mesmo dia também se celebraram, na Sé, os casamentos de Santo António. No dia 18, sábado, celebraram-se também

na Sé as Vésperas Solenes, a propósito da investidura dos novos Cónegos do Cabido da Sé Patriarcal. No total de seis, dois são formadores nos Seminários: o Padre Nuno Isidro, de Caparide, e o Padre Luís Alberto, dos Olivais. Parabéns! No dia seguinte, solenidade da Santíssima Trindade, vivemos o dia da Igreja Diocesana no Seminário de Penafirme. Depois das Laudes às 10h, seguiram-se vários workshops e, depois do almoço, culminou o dia com a celebração da Missa, na qual o Senhor Patriarca anunciou que o Santo Padre lhe pediu para se manter à frente da nossa Diocese por mais dois anos. Nosso Senhor o auxilie para mais este tempo!

Na véspera do Corpo de Deus participámos na celebração da Admissão como candidatos às ordens sacras, no Seminário Redemptoris Mater. É bom para nós acompanharmos estes nossos colegas que um dia farão parte do mesmo presbitério e nos enriquecem com a sua vivência e o seu testemunho. A solenidade do Santíssimo Corpo e Sangue de Cristo foi vivida como tem vindo a acontecer nos últimos anos: no Seminário, organizámo-nos por grupos para garantir a Adoração ao Santíssimo Sacramento exposto solenemente na Capela durante toda a noite. De manhã fomos à Missa na Sé e à tarde participamos na Procissão pelas ruas da baixa de Lisboa. É sempre um momento espantoso ver a devoção das pessoas a venerar Jesus que passa pelas ruas.

A última semana do ano lectivo foi vivida muito intensamente. Os finalistas em retiro de ordens e nós, pelo Seminário, recebemos a visita do Senhor Patriarca, que durante uma tarde falou com cada um dos seminaristas de Lisboa (alguns tiveram de ficar para outro dia porque o tempo não deu para todos!) e no final celebrou Missa. No dia 1 de Junho rezámos na Sé pelos ordinandos, na habitual Vigília de Oração e, fechando o ano de Seminário em chave de Ouro, no Sábado que foi Dia do Imaculado Coração de Maria, foram ordenados no Mosteiro dos Jerónimos os nossos finalistas de Lisboa, a saber:

o Fernando Escola, o Hugo Gonçalves, o Ivo Santos, o Marcos Castro e o Rui Cantarilho. Este é sempre como que o culminar de todo um ano de caminhada de seminário. Claro que a ordenação é apenas um momento, resultado de muitos pequenos momentos mas, pela força do sacramento e do Espírito Santo que nele actua, muda para sempre a vida daqueles que foram ordenados.

O novo ano de Seminário começou, como já vem sendo habitual, com a celebração de Vésperas/Missa e, a seguir ao jantar, uma celebração penitencial. De facto, que melhor maneira de iniciar um novo ano senão com um momento de paragem, de balanço de tudo o que foi o tempo das férias, de exame de consciência, de reconciliação com Deus e com a Igreja? É importante para reforçar o nosso compromisso que, no fundo, define a razão de cada um estar no Seminário: a vontade de seguir a Cristo, de amá-l'O cada vez mais, amando a Sua Igreja e os irmãos.

No dia seguinte, 14 de Setembro, festa da Exaltação da Santa Cruz, fomos em peregrinação ao Santuário de Nossa Senhora do Socorro. Subimos à Serra, fazendo uma Via-Sacra, lembrando-nos das palavras lapidares de Jesus: "Se alguém quiser seguir-Me, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-Me" (Mc 8, 34). O resto da semana inicial, sempre bastante intensa, correu com normalidade. Desde a conferência do Senhor Reitor sobre a obediência à intervenção do Vice-Reitor, de cariz mais prático e sobre a vida da casa, passámos para a recolecção na Sexta-feira. Pregada pelo nosso Director Espiritual, o Cón. João Marcos, rezámos sobre como devemos cultivar a vida interior através do silêncio, da escuta e da oração, vivendo do mesmo modo com profundidade os conselhos evangélicos. O fim-de-semana foi dedicado ao regresso ao trabalho pastoral dos seminaristas nas paróquias designadas pela Equipa Formadora.

Na semana seguinte começaram as aulas na Universidade Católica e no Seminário, e com elas o exercício diário da fidelidade, provada na frequência das aulas e no estudo contínuo e diário, que nos permitirá conhecer melhor a Igreja e aprofundar o pensamento teológico, de modo a que, como futuros pastores, possamos estar aptos para esclarecer as pessoas que desejam conhecer melhor Jesus.

As primeiras semanas foram também marcadas pelas chamadas "missas novas" aqui no Seminário, celebradas pelos padres ordenados no final do ano passado. Foi bonito ver como todos, no final, estão agradecidos e reconhecidos à Equipa Formadora e a toda a comunidade pelo tempo aqui passado em crescimento e aprofundamento na relação pessoal com Jesus Cristo.

No dia 6 de Outubro, celebrou-se a memória litúrgica de São Bruno, fundador da Cartuxa e padroeiro de Curso do 6º Ano. Para marcar de forma especial este dia, os finalistas almoçaram fora e conviveram, estreitando os laços de amizade que os unem na caminhada rumo ao presbiterado. Quis também o Curso de São Bruno "abrilhantar" o jantar do Seminário, oferecendo a todos entradas, bebidas e diversos bolos. A seguir ao jantar, cantaram ainda para toda a comunidade o Hino de São Bruno, escrito pelo David Palatino e musicado pelo Tiago Silva. Por ser a primeira Quinta-feira do mês, houve também uma Vigília de Oração pelos Sacerdotes e Vocações. Foi um dia muito bonito e, graças à intercessão de São Bruno, de grande alegria para todos.

O XXVI Domingo do Tempo Comum ficou marcado por mais um momento de festa devido ao Jubileu Patriarcal! Quis o Senhor Patriarca promover um encontro com as Famílias da Diocese durante este dia, tendo acontecido na Escola Salesiana do Estoril. Da parte da manhã houve conferências em paralelo sobre espiritualidade conjugal, a família e sociedade e também a transmissão da fé e escuta da Palavra e, depois do almoço,

Eucaristia concelebrada por diversos padres e que contou com cerca de 2000 pessoas.

O dia seguinte, 10 de Outubro de 2011, fica memorável na história do nosso Seminário: o nosso Reitor, o Cónego Nuno Brás, foi nomeado pelo Santo Padre como Bispo de Elvas e Auxiliar do Patriarcado de Lisboa! Foi com grande júbilo e uma longa salva de palmas que recebemos esta notícia do próprio D. Nuno Brás. É uma grande honra e começa a ser uma "tradição" para esta casa pois é já o terceiro Reitor consecutivo a ser nomeado Bispo! Acima de tudo é um estímulo para continuarmos a seguir a linha de formação que sempre marcou o Seminário de Lisboa, a formação de padres sábios e santos, unidos por amor filial ao nosso Bispo e ao Santo Padre.

Foi neste ambiente de festa e de preparação espiritual para as ordenações (episcopal e diaconais) que vários membros da nossa comunidade rumaram a Fátima, para o Terço, Missa e Procissão das Velas de 12 de Outubro. Entregamos nas mãos de Nossa Senhora as nossas vidas e a nossa vocação, certos que a sua intercessão junto de Deus nos alcançará abundantes bênçãos para este ano.

No dia 24 de Outubro completaram-se os oitenta anos de vida do Seminário dos Olivais. Os números são deveras significativos: quase 1800 alunos, dos quais 1170 foram ordenados presbíteros. Desses, 17 ascenderam ao episcopado. A festa foi muito simples: uma Eucaristia presidida por sua Eminência e um jantar festivo, participados apenas pelos seminaristas dos quatro seminários do Patriarcado.

No dia 25, celebrando o aniversário da Dedicação da Sé Patriarcal, participámos na última celebração do Jubileu Sacerdotal do Senhor Patriarca com muitos bispos, sacerdotes e fiéis, e prolongámos no jantar os festejos do "nosso" octogésimo aniversário.

Outubro terminou. O mês de Novembro, em que acontece a Semana dos Seminários, e muitas vezes as ordenações diaconais dos nossos

finalistas fica este ano marcado também pela Ordenação episcopal do Sr. D. Nuno Brás.

Não perca a futura crónica!

